

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE HISTÓRIA LICENCIATURA

Thales Ferraz Silva

**HISTÓRIA PÚBLICA ÀS AVESSAS: O PROGRAMA “ALIENÍGENAS DO
PASSADO” E A (DES)CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DA ÁFRICA**

Santa Maria, RS
2023

Thales Ferraz Silva

**HISTÓRIA PÚBLICA ÀS AVESAS: O PROGRAMA “ALIENÍGENAS DO PASSADO”
E A (DES)CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DA ÁFRICA.**

Trabalho de Conclusão de Graduação
apresentado ao Curso de História Licenciatura,
da Universidade Federal de Santa Maria
(UFSM, RS), como requisito parcial para a
obtenção do título de **Licenciado em História**.

Orientador: Prof. Dr. João Manuel Casquinha Malaia Santos

Santa Maria, RS
2023

Thales Ferraz Silva

**HISTÓRIA PÚBLICA ÀS AVESAS: O PROGRAMA “ALIENÍGENAS DO PASSADO”
E A (DES)CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DA ÁFRICA.**

Trabalho de Conclusão de Graduação
apresentado ao Curso de História Licenciatura,
da Universidade Federal de Santa Maria
(UFSM, RS), como requisito parcial para a
obtenção do título de **Licenciado em História**.

Aprovado em 8 de fevereiro de 2023:

João Manuel Casquinha Malaia Santos, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Alexandre de Oliveira Karsburg, Dr.

Nikelen Acosta Witter, Dr.^a (UFSM)

Santa Maria, RS
2023

AGRADECIMENTOS

Emicida já nos falou que nós somos os únicos representantes dos nossos sonhos na face da terra, concordo, mas ainda assim, não realizamos nossos sonhos sozinhos, para que eles se concretizem precisamos do apoio dos nossos amigos e da nossa família. Por isso, escrevo essas simples, mas verdadeiras palavras de agradecimento.

Agradeço primeiramente a minha família, principalmente meus pais, com certeza não estaria onde estou hoje se eu não tivesse certeza que poderia contar com eles, me dando sustentação, base. Graças a eles eu pude focar nos meus estudos, pois sabia que nunca deixariam me faltar nada, claro que sempre que pude dava um jeito de trabalhar ou estar inserido em alguma bolsa na faculdade para manter meus “caprichos”, como roupas, festas, o “futsal da galera”, transporte e almoços no RU quando precisava, mas eles me garantiram sempre a casa, comida e roupa lavada durante esses cinco longos anos de graduação.

Agradeço aos amigos e amigas do “Tander Bar”: Camila, Lari, Nathan, Farret e Welerson. Especialmente aos três últimos, meus amigos há mais de uma década (fazendo as mesmas piadas durante todos esses anos), desde os tempos do “campinho” na Tancredo Neves. Tenho enorme admiração e respeito, pelas pessoas e pelos/as profissionais que se tornaram, isso me motivou a chegar ao final da minha graduação.

E o que seria de mim sem a Gabi? A pessoa que mais me inspira no mundo e que mais me enche de orgulho todos os dias. Meu principal pilar nos últimos três anos, minha principal motivadora e motivação, minha companheira de filmes, séries, viagens e da vida. Quando eu mais precisei, era ela que me oferecia o ombro pra eu escorar minha cabeça, quando eu estava lá no fundo do poço, foi a mão dela que me puxou e me salvou dos meus piores pensamentos. A pessoa que me arranca as melhores risadas e que sabe todos os meus segredos, a pessoa que melhor me conhece e a pessoa que se presta a perder um tempo do dia lendo e corrigindo todos meus trabalhos da faculdade (inclusive esse).

Agradeço também às professoras e professores que conheci nesses anos e tornaram a minha vida discente mais prazerosa, em especial ao professor João, que me orientou neste trabalho.

Enfim, estou chegando no final da etapa mais desafiadora e assustadora da minha vida (até aqui), mas essa conquista não é só minha, é de vocês também, e de tantas outras pessoas que de alguma forma me ajudaram a chegar onde estou, afinal, como disse também o Emicida: “Tudo que nós tem, é nós.”

RESUMO

HISTÓRIA PÚBLICA ÀS AVESSAS: O PROGRAMA “ALIENÍGENAS DO PASSADO” E A (DES)CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DA ÁFRICA

AUTOR: Thales Ferraz Silva
ORIENTADOR: João Manuel Casquinha Malaia Santos

Esse trabalho tem como objetivo identificar os recursos argumentativos utilizados pelo programa “Alienígenas do Passado”, do *History Channel*, para sedimentar a versão que eles apresentam a respeito da História da África e, dessa forma, colaborar, com o debate acerca da História Pública, bem como com os estudos africanistas. A presente pesquisa parte da ideia de que a história dos povos africanos ainda é difundida, principalmente nos países ditos ocidentais, de maneira generalizante e preconceituosa, geralmente resumida em escravidão e colonialismo, esquecendo que o continente é um território gigante e plural, com inúmeros povos, organizados em diferentes formas sociais, culturais, políticas e religiosas muito antes da chegada do homem branco. Nesse sentido, o campo da História Pública torna-se uma excelente ferramenta para mudar estas narrativas ultrapassadas. Assim, antes de adentrarmos o referido programa de televisão que tem como cerne colocar seres extraterrestres no centro da humanidade, apresento os conceitos de negacionismo, revisionismo ideológico, *fake news* e teoria da conspiração, assim como exponho algumas páginas e perfis em diferentes plataformas digitais que agem em prol da História Pública e outras que fazem um verdadeiro desserviço a esta.

Palavras-chave: História Pública. História da África. History Channel. Alienígenas do Passado.

ABSTRACT

PUBLIC HISTORY INSIDE OUT: THE “ALIENS OF THE PAST” PROGRAM AND THE (UN)CONSTRUCTION OF AFRICAN HISTORY

AUTHOR: Thales Ferraz Silva

ADVISOR: João Manuel Casquinha Malaia Santos

The present academic work seeks to identify the argumentative resources used by the TV show “Ancient Aliens”, from History Channel, intending to highlight the version that they present about African History and, in that way, collaborate with the debate about Public History, as well as the africanist studies. The current research starts from the idea that the history of the african people is, still, diffused usually at the so called occidental countries in a generalizing and prejudiced way, generally summarized in slavery and colonialism, forgetting to mention that the continent is a huge and plural territory, with innumerable peoples, organized in different social, cultural, political and religious manners, way before the arriving of the white man. In that regard, the Public History field has become an excellent tool to change those outdated narratives. Therefore, before we get into the referred TV show that has in its core the idea of extraterrestrial beings in the center of human history, I’ll present the concepts of denialism, ideological revisionism, fake news and conspiracy theory, such as exposing some of the online pages and profiles in different digital plataforms that act in favor of the Public History and some that create an actual disservice to the others.

Keywords: Public History. African History. History Channel. Ancient Aliens.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1: A HISTÓRIA É PARA TODOS OS PÚBLICOS	11
1.1 OS TRÊS CAVALEIROS DO APOCALIPSE DA HISTÓRIA PÚBLICA	13
1.2 CRENÇAS E TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO	17
1.3 AS REDES SOCIAIS E OS TEÓRICOS DAS CONSPIRAÇÕES	20
CAPÍTULO 2: A ÁFRICA É UM CONTINENTE PLURAL E TEM HISTÓRIA	24
2.1 QUEM CONTA A HISTÓRIA DA ÁFRICA?	26
2.2 COMO A HISTÓRIA PÚBLICA DIGITAL PODE COLABORAR COM A HISTÓRIA DA ÁFRICA?	28
CAPÍTULO 3: A HISTÓRIA É O ESTUDO DAS AÇÕES DE SERES ALIENÍGENAS AO LONGO DO TEMPO?	31
3.1 O HISTORY CHANNEL	32
3.2 MISTÉRIOS DA ESFINGE	34
3.3 SEGREDOS DAS MÚMIAS	38
CONCLUSÃO	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43

INTRODUÇÃO

Teriam seres extraterrestres visitado nosso planeta há milhares de anos? Estariam esses alienígenas por trás da construção de grandes monumentos arquitetônicos e outros conhecimentos que nos são importantes até os dias de hoje? E por fim, seria uma tarefa das historiadoras e dos historiadores investigar e colocar para debate um assunto desses, ou devemos deixar tal assunto apenas para os ditos ufólogos e/ou para os cineastas? Essas são algumas das perguntas que deram base a esse trabalho de conclusão de graduação.

Minhas respostas são “não” para as duas primeiras perguntas e “sim” para a terceira. Acredito que este assunto deva ser, sim, estudado e analisado por nós historiadores, basta pensarmos no mais famoso canal de televisão por assinatura dedicado ao passado do mundo, o *History Channel*¹. O canal tem como um de seus carros-chefe o programa *Alienígenas do Passado (Ancient Aliens)*², cujo cerne é apresentar teorias conspiratórias de que seres vindos de outro planeta (chamados no programa de “antigos astronautas”) estão diretamente envolvidos em diversos momentos históricos, desde episódios da Bíblia, nas construções das pirâmides do Egito, na Guerra Fria e até em decisões políticas contemporâneas. Ou seja, acredito ser de fundamental importância que voltemos nossa atenção para este canal e, principalmente, para este polêmico e provocativo programa que, ao colocar essas histórias com alienígenas no centro da História mundial, acaba fazendo um verdadeiro trabalho de História Pública, porém, às avessas.

Neste trabalho não me deterei a analisar a História mundial, serei mais específico: terei como foco a História da África a partir do programa *Alienígenas do Passado*. Se muitas vezes nem mesmo os livros didáticos proporcionam o “espaço adequado” ao tratar da História do continente africano e os filmes e grandes mídias acabam geralmente colaborando para a “história única”³ acerca do mesmo, imaginemos, então, as problemáticas narrativas deste programa sobre a História africana e o impacto que isso pode causar nos telespectadores que acreditam estarem, de fato, tendo contato com uma História científica, verdadeira e honesta, aquela História que não se conta nas escolas e que os/as historiadores/as estão escondendo da população não acadêmica.

É bem conhecida a definição de que a História é o estudo das ações do ser humano ao longo do tempo (BLOCH, 2001), elas que dão à ciência histórica sua relevância. O que será

¹ Para saber mais sobre o canal: <<https://history.uol.com.br/sobre-o-history>>. Acesso em: 19 nov de 2022.

² O programa está no ar desde 2010, encontrando-se agora na sua temporada de número 13.

³ ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

que Marc Bloch diria ao ver que alguns grupos de pessoas acreditam que a História, na verdade, é o estudo das ações de “seres humanóides, racionais, interplanetários” ao longo do tempo? Tendo isto em mente, aponto aqui a questão central da minha monografia: Quais são os recursos argumentativos utilizados pelo programa “*Alienígenas do Passado*” para sedimentar a versão que eles apresentam sobre História da África?

Além de identificar os recursos argumentativos utilizados pelo programa citado e buscar colaborar com o debate da História Pública e com os estudos africanistas, tenho como objetivos específicos: **a)** compreender os debates recentes do campo da História Pública; **b)** problematizar os estereótipos e generalizações que são feitos a respeito da História da África pelo programa e; **c)** reunir bibliografias/fontes que contraponham essa visão equivocada de que Alienígenas estão por trás da construção de grandes monumentos arquitetônicos e outros conhecimentos oriundos deste continente.

Em vista disso, para responder a pergunta central e alcançar meus objetivos, irei fazer uso de uma historiografia recente do campo da História Pública, que como bem apontam as professoras Juliana Sayuri Ogassawara e Viviane Trindade Borges

Trata-se não apenas de pensar na ampliação do público, mas também de ponderar a respeito daqueles que estão fazendo uso do passado e da maneira como este está sendo construído no presente. Assim, a história pública seria um movimento de difusão histórica e, ao mesmo tempo, de reflexão a respeito dessa difusão (OGASSAWARA; BORGES, 2019, p. 41).

Portanto, minha metodologia de pesquisa consiste em, a partir da seleção de dois episódios do programa *Alienígenas do Passado* (Mistérios da Esfinge e Segredo das Múmias), que têm como temática o território africano, analisar os discursos utilizados pelos interlocutores do programa e que tornam suas narrativas tão atraentes para o público leigo. Para classificar esses recursos partirei das três lentes fundamentais quando se fala em História Pública: **a)** Negacionismo; **b)** Revisionismo ideológico/apologético e; **c)** *Fake News*. Ademais, com o apoio da historiografia acadêmica sobre a História da África, bem como a da própria História Pública, reunirei comprovações e versões historiográficas que possibilitam enfrentar esses argumentos simplórios, generalizantes, preconceituosos e até mesmo exóticos que acabam por colocar os chamados “antigos astronautas” como protagonistas da história dos povos africanos.

Assim sendo, este trabalho justifica-se pela necessidade de questionar o fato de um dos programas mais famosos do canal *History Channel* ser um verdadeiro desserviço ao público, visto que apresenta argumentos que enfatizam a ação de supostos seres extraterrestre na

história em detrimento das ações humanas, nesse caso, das ações da população africana na construção de sua própria história. Outra situação que me fez querer trabalhar o tema foi o fato de eu ter procurado em alguns bancos de dados, dentre eles o Biblioteca Científica Eletrônica On-line⁴, o Repositório Institucional da UFJF⁵ e o portal Periódicos Capes⁶, e ter encontrado muito poucos trabalhos problematizando o programa. Um de meus únicos achados foi o caso do trabalho do professor Márcio Souza Gonçalves, intitulado “Foram os *aliens*: comunicação de massa e verdade” e que será abordado nesta pesquisa, o que acabou exigindo um esforço ainda maior deste pesquisador que vos escreve. Somado a isso, percebe-se a dificuldade que têm as Ciências Humanas, sobretudo a História, de se comunicar com o público externo não acadêmico. Exemplo disso são os recentes movimentos de pessoas querendo a volta da ditadura militar, mesmo após os inúmeros estudos, trabalhos e fontes históricas que demonstram as atrocidades cometidas pelo governo nesse período da história brasileira. Assim, questionar o canal e o programa em questão pode ser uma abordagem capaz de colocar uma “pulga atrás da orelha” de futuros leitores deste trabalho ou telespectadores do canal e que talvez sirva como uma contribuição para que pesquisadoras e pesquisadores da área se dediquem cada vez mais a pensar nos diferentes passados construídos (e publicizados) por não historiadores/as, principalmente a partir de obras da televisão, internet, redes sociais e, porque não, no cinema, pois esses são os principais meios através dos quais o público tem contato com conteúdos sobre o passado.

O presente trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro, irei pensar sobre o que caracteriza a História Pública, quais os debates mais recentes de historiadores e historiadoras que conseguiram comunicar para fora do seu grupo. Também abordarei os conceitos de negacionismo, revisionismo ideológico/apologético e *fake news*. No segundo capítulo abordarei “os perigos da história única” acerca do continente africano, seus estereótipos, generalizações e preconceitos, a fim de compreender a importância de se estudar com dedicação a História da África e questionar a visão e as narrativas generalizantes que tradicionalmente nos são propagadas pela televisão e demais mídias digitais. Por último, no terceiro capítulo, apresentarei minhas principais fontes de pesquisa (o canal, o programa e os episódios analisados), o que identifiquei como linha argumentativa de cada episódio a respeito

⁴ SciELO – Scientific Electronic Library Online (Biblioteca Científica Eletrônica On-line): <<https://scielo.org/>>. Acesso em: 10 jan. de 2023.

⁵ Repositório Institucional da UFJF: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/?jsessionid=0AC09306AC0BC69801DC85A553AC992D>>. Acesso em: 10 jan. de 2023.

⁶ Portal Periódicos Capes: <<http://www-periodicos-capes-gov-br.ez1.periodicos.capes.gov.br/>>. Acesso em: 10 jan. de 2023.

da História africana, no qual analiso historiograficamente cada um desses argumentos através de pesquisas que partem dos campos da História Pública e, evidentemente, sobre a História da África.

CAPÍTULO 1: A HISTÓRIA É PARA TODOS OS PÚBLICOS

Em evento recente, ao procurar responder à questão de ¿por qué y para quién escribimos?, a historiadora colombiana Marixa Lasso lançava, em chave dramática, uma questão atual: a do enterro da profissão de historiador tal como a conhecemos. Sentenciava, então, que “la profesión que hemos conocido durante los últimos 50 o 70 años, la profesión en la que me formé, y en la que todos nos formamos esta desapareciendo” (MALERBA, 2017, p. 135)

Por diversas vezes, durante minha graduação em História me fiz as mesmas perguntas que foram feitas à Marixa Lasso. Não via tanto sentido em escrevermos artigos para revistas ou eventos acadêmicos apenas para ganharmos certificados e sermos lidos por nossos pares, historiadoras e historiadores. Mais do que isso, esses trabalhos, ainda por cima, só são lidos por pesquisadores/as de campos específicos dentro da própria História, por exemplo, pesquisadores/as do pós-Abolição raramente vão ler trabalhos escritos por medievalistas, e vice e versa. Não coincidentemente, a produção acadêmica de história praticamente desapareceu da esfera pública. Historiadores publicam fervorosamente, mas cada vez menos o público não especializado está os lendo (SOUZA; DUARTE, 2021, p. 329-330). Sendo assim, no ano de 2021, a partir de duas disciplinas ofertadas na faculdade (ministradas pelos professores João Manuel Casquinha Malaia Santos e Alexandre de Oliveira Karsburg) acabei conhecendo e me interessando pelo campo da História Pública, afinal “a vocação acadêmica não é pesquisar por pesquisar, mas pesquisar para transmitir aos outros, seus colegas, seus estudantes e seus leitores” (BEAUNE, 2012, p. 9, *apud.* OGASSAWARA; BORGES, 2019, p. 38). Ou seja, além da nossa comunidade específica, também temos que ter como público-alvo os leitores e leitoras não especializados, pois, de acordo com Marc Bloch (2001), no momento em que fazemos nossa pesquisa temos uma responsabilidade moral com a sociedade, isso é algo que todo/a historiador/a deve ter em seu horizonte.

Seguindo nessa esteira, a História Pública vem sendo um campo bastante estudado e valorizado, e com toda a razão, pois todo mundo adora uma boa História (se não a ciência, a história com “h” minúsculo mesmo). Queremos muito saber de onde viemos e onde estão nossas raízes. Visitar e aprender sobre o passado é em grande parte uma forma de compreender o presente. É interessante ler sobre outros povos e sociedades, como se organizavam e que tabus respeitavam. Enfim, a História produzida pelo profissional acadêmico treinado na universidade deve chegar aos olhos e ouvidos da população, temos que ter em mente que esse é um dos deveres do/a historiador/a.

Acredito que o papel do/a historiador/a tem sido cada vez mais valorizado pela sociedade, embora, como aponta Jaime Pinsky, “de maneira contraditória, há um movimento em escolas, principalmente no ensino médio, que, no limite, tende a substituir o ensino de História por alguma outra coisa que poderia, com boa vontade, ser chamada de ‘realidade mundial’” (PINSKY, 2013, p. 22-23). As mídias digitais, como televisão e internet, são uma importante ferramenta para essa valorização, uma vez que profissionais da História são convidados para dar entrevistas em jornais, documentários, assessoria para filmes, etc., além de produzirem conteúdos próprios em diversas plataformas digitais. Segundo Jurandir Malerba, “as plataformas digitais subverteram as bases da produção e circulação das narrativas sobre o passado” (MALERBA, 2017, p. 142). Porém, como bem nos adverte o historiador e divulgador Icles Rodrigues⁷, “é uma ideia recorrente de que basta a boa informação estar acessível para que a informação de má qualidade, as falsificações históricas e as distorções da realidade sejam reconhecidas, suprimidas ou efetivamente combatidas” (RODRIGUES, 2021, p. 180). Isso é ingenuidade, afinal, sabemos que existem muitos “conteúdos de história de má qualidade, incompletos, imprecisos, errôneos e até mesmo mal-intencionados” (CARVALHO, 2016, p. 41), ou seja, com informações distorcidas e sem uma visão crítica sobre o passado. Ainda segundo este autor, nós devemos

1) Permitir o entendimento de que o livro em si (ou vídeo, ou documentário, ou texto “da internet”) não é um totem de autoridade, uma vez que maus trabalhos podem ser publicados e divulgados, e que a mera existência de um autor que defenda uma hipótese não significa que ela seja válida apenas por isso; 2) minar a noção de “falácia da autoridade”, na qual a validade de um argumento se dá pelo *status* ou o carisma de quem o fala diante de determinados grupos, e não por sua competência ou experiência (RODRIGUES, 2021, p. 183).

Sobre “falácia de autoridade”, vale comentar sobre o influenciador digital Felipe Castanhari, que em 2021, recebeu o prêmio *Influency.me*⁸ na categoria “Conhecimento, Ciência e Educação”, o que gerou a indignação de outros/as educadores/as e cientistas que trabalham com divulgação científica (e dos que não trabalham também, claro), visto que Castanhari não possui graduação em nenhuma licenciatura, portanto, como poderia ganhar tal prêmio? Vale lembrar ainda, que o influenciador foi quem apresentou a adaptação documental do polêmico livro “Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil”⁹, de Leandro Narloch,

⁷ Para saber mais sobre o conteúdo do autor: <<https://leituraobrigahistoria.com/>>. Acesso em: 16 nov. de 2022.

⁸ Para saber mais sobre o prêmio: <<https://premio.influency.me/blog/vencedores-premio-influencyme-2021/>>. Acesso em: 11 jan. 2023.

⁹ O “Guia politicamente incorreto da história do Brasil” utiliza ótimo repertório de livros e artigos de História. O que torna ainda mais perversa a iniciativa, pois aproveita a credibilidade dessas fontes para agregar confiança ao

para o *History Channel*, em 2017. Com isso, podemos dizer que, infelizmente, a autoridade sobre o conhecimento do passado na internet e na televisão não se dá pela expertise de quem fala/apresenta, mas pela capacidade de engajar, gerar curtidas, visualizações, memes, etc.

Aproveitando o exemplo citado acima e percebendo “que as aberrações e preconceitos afirmados no livro de Narloch” (VENANCIO, 2018, p. 1), que fora adaptado para a televisão, estão ganhando espaço e sendo absorvidas como verdade, nós, historiadores e historiadoras, devemos chegar primeiro nas plataformas digitais (RODRIGUES, 2021), devemos ocupar nosso espaço na sociedade globalizada, não necessariamente produzindo conteúdo (sabemos que é preciso muito esforço e dedicação exclusivamente para isso), mas avaliando os trabalhos já existentes, criticando ou elogiando e, acima de tudo, divulgando os bons trabalhos e dando devida valorização aos nossos pares que se preocuparam em extrapolar os muros da academia. E se o trabalho não for de qualidade, devemos também divulgar. Sim, divulgar, mas apontando e escancarando todas as problemáticas e os desserviços de tal conteúdo. Mais importante que isso, é entender como trabalhos de divulgação “científica” mal intencionados criam “passados abusivos” que muitas vezes tornam-se sucesso para grandes públicos.

1.1 OS TRÊS CAVALEIROS DO APOCALIPSE DA HISTÓRIA PÚBLICA

Versões errôneas de que a Terra é plana e de que o mundo não chega a ter seis mil anos têm hoje muitos adeptos, em contraposição aos avanços do conhecimento científico. [...] A proliferação de narrativas falsas coloca em questão não só a Geografia e as Ciências Naturais. A História enfrenta essa mesma praga, levando os professores a se perguntar: em época de fake news, como ensinar História? (FUNARI, 2021, p. 116).

Assim, neste ponto, vou dissertar sobre os grandes vilões a serem enfrentados pelo historiador que se dedica a pesquisar e agregar às discussões no campo da História Pública. Assim como a Guerra, a Fome e a Peste são conhecidos como os Cavaleiros do Apocalipse do século XIV, faço uma analogia onde considero o **Negacionismo**, o **Revisionismo Ideológico/apologético** e a **Fake News** como os três cavaleiros do Apocalipse no que se refere à História Pública. Marcos Napolitano (2021) nos ajuda a entender as ideias de negacionismo e revisionismo ideológico, segundo ele:

Uma dupla distorção no conhecimento do passado, quase sempre mobilizada como parte das lutas políticas do presente. Esse aspecto é inevitável, e faz parte das interações complexas entre memória, identidades sociopolíticas e conhecimento

texto. Quase sempre o conteúdo da bibliografia utilizada é distorcido para justificar uma interpretação que “choque” o leitor, tal como uma manchete de um jornal sensacionalista (VENANCIO, 2018, p. 2).

histórico. A primeira distorção é o recurso à mentira pura e simples sobre um evento ou fato histórico comprovado por fontes e por consenso de historiadores (independentemente das interpretações que se possa fazer sobre suas causas ou desdobramentos), conhecido pelo nome de *negacionismo*. A segunda distorção é a apropriação seletiva de fatos igualmente comprovados, sem a devida complementação de informações, para reforçar a tese negacionista. A isso chamaremos de *revisonismo ideológico* (NAPOLITANO, 2021, p. 86-87).

A primeira coisa que devemos lembrar é que atitudes negacionistas e revisionistas não necessariamente fazem parte de atitudes ignorantes e inocentes do indivíduo que não tem conhecimento suficiente ou necessário para se comportar dessa maneira. Essas ideias são amplamente baseadas em posições políticas e ideológicas, “como, no caso brasileiro, a falsa suposição de que não houve uma ditadura militar ou de que não há racismo no país” (FICO, 2021, p. 34). Nessas narrativas alternativas, pelo contrário, teria existido um “regime militar” imposto para salvar a nação das garras do comunismo e, sendo o Brasil um país miscigenado, debates raciais “poderiam ter um efeito bumerangue, criando conflitos raciais que, segundo dizem, não existem na sociedade brasileira” (MUNANGA, 2015, p. 24). Inclusive, por diversas vezes, tais indivíduos negacionistas

apelam para o “direito à livre expressão” para propagar suas ideias nefastas. A defesa do direito de opinião e de “liberdade de expressão”, sem dúvida um dos princípios basilares da democracia moderna, é frequentemente reivindicada por negacionistas para expressarem suas ideias em público e buscarem reconhecimento no meio científico (NAPOLITANO, 2021, p. 95).

Acredito que todos devemos lutar pelo nosso direito à liberdade de expressão, mas em tempos em que esses Cavaleiros do Apocalipse andam por aí, mais à mostra do que nunca, é nosso dever, enquanto pesquisadores, lutar ainda mais para evitar o uso perverso o ou abuso dessa liberdade de expressão, principalmente quando se está negando todo um conhecimento científico. Como bem aponta Pierre Vidal-Naquet (1988), fazem parte uma espécie de culto ou seita perversa, que “dedica todos os esforços e emprega todos os meios, panfletos, fábulas, histórias em quadrinhos, estudos pretensamente científicos e críticos, revistas especializadas, para destruir, não a verdade, que é indestrutível, mas a tomada de consciência da verdade” (VIDAL-NAQUET, 1988, p. 9), isso que quando a obra deste autor foi escrita, o *Youtube* e a maioria das plataformas digitais nem sequer existiam. Assim, Napolitano (2021) define que os negacionistas são aqueles que rejeitam

o conhecimento histórico estabelecido em bases científicas e metodológicas reconhecidas, em nome de uma suposta “verdade ocultada” pelas instituições acadêmicas, científicas e escolares por causa de supostos “interesses políticos ligados ao sistema”. Assim, os negacionistas alimentam e são alimentados pelas

diversas “teorias da conspiração” que sempre existiram, mas que nos primeiros anos do século XXI têm sido canalizadas por interesses políticos, sobretudo de partidos e líderes de extrema direita, para combater os valores progressistas e democráticos. Em muitos casos, uma opinião negacionista tem sua origem em várias análises “revisionistas” do passado, que se propõem a visitar as teses e os estudos mais aceitos na comunidade científica (NAPOLITANO, 2021, p. 98).

Isso nos leva, então, ao segundo Cavaleiro do Apocalipse, que é o revisionismo ideológico. Este traz, muitas vezes, a base dos pensamentos negacionistas, ou seja, o negacionista desenvolve o seu ponto em cima dos estudos revisionistas, que é uma prática comum dentro da historiografia e deve acontecer para que os estudos avancem, mas que, todavia, pode vir carregado de segundas intenções. Novamente, recorro ao trabalho de Napolitano para entender esse revisionismo com segundas intenções, segundo ele

Há um *revisionismo de matriz ideológica*, que parte unicamente de demandas ideológicas e valorativas e colige fontes e autores para confirmar uma visão pré-construída acerca de um tema histórico, quase sempre polêmico. Esse tipo de revisionismo é refém de objetivos meramente ideológicos, da falta de método e da ética da pesquisa historiográfica. Trata-se daquele revisionismo calcado na manchete sensacionalista sobre um tema histórico, na apropriação descontextualizada de trabalhos historiográficos, no anacronismo, no uso acrítico de fontes primárias (tomadas como “prova factual” a partir de uma leitura superficial, sem crítica ou contextualização), sempre com o intuito de defender uma tese dada *a priori* sobre o passado incômodo e sensível (NAPOLITANO, 2021, p. 99-100).

Esse tipo de revisionista pega questões da história, que podem até serem questões debatidas e concluídas, mas vai utilizar o seu método revisionista a partir de uma visão já pré-estabelecida. Ou seja, ele mobiliza todo o seu método e suas fontes para interpretar a partir de uma tese que já está pronta, e não construir sua tese a partir da interpretação dessas fontes. Então, esse revisionismo está baseado em uma questão ideológica, antiética com o fazer historiográfico. Em síntese, os negacionistas e os revisionistas apologéticos “não querem revisar e ampliar o conhecimento sobre o passado, mas destruir esse conhecimento, pela tática da mentira e da explicação enviesada sobre fatos e processos históricos polêmicos” (NAPOLITANO, 2021, p. 100). De toda forma, ambos negam e desrespeitam o método científico.

Finalmente, nosso terceiro Cavaleiro do Apocalipse,

propagada mais rapidamente que qualquer vírus já conhecido, as *fake news*, ou notícias falsas em bom português, se tornaram um dos mais importantes fenômenos políticos e sociais de nosso tempo, desafiando democracias e conhecimento científico. Elas têm sido muito comuns no campo da saúde, mas estão presentes em todos os meios (CARVALHO, 2021, p. 148).

Dentre os três conceitos, este é o que, nos dias de hoje, está mais presente nas mídias sociais e nas discussões da população brasileira. Ora, as notícias falsas não surgiram agora, não são uma novidade oriunda da internet, embora tenha nesta a sua maior aliada. Afinal, elas nada mais são do que mentiras e manipulações e essas são características intrínsecas à humanidade desde que os primeiros hominídeos começaram a falar.

Todavia, o motivo pelo qual as *fake news* estão cada vez mais populares atualmente, é porque vivemos na chamada “nova era da pós-verdade” (HARARI, 2018), cercados de mentiras e ficções. De acordo com o historiador israelense Yuval Noah Harari,

Os humanos sempre viveram na era da pós-verdade. O *Homo sapiens* é uma espécie de pós-verdade, cujo poder depende de criar ficções e acreditar nelas. Desde a Idade da Pedra, mitos que se autorreforçavam serviam para unir coletivos humanos. Realmente, o *Homo Sapiens* conquistou esse planeta graças, acima de tudo, à capacidade exclusiva dos humanos de criar e disseminar ficções. Somos os únicos mamíferos capazes de cooperar com vários estranhos porque somente nós somos capazes de inventar narrativas ficcionais, espalhá-las e convencer milhões de outros a acreditar nelas. Enquanto todos acreditarmos nas mesmas ficções, todos nós obedecemos às mesmas leis e, portanto, cooperamos efetivamente (HARARI, 2018, p. 289-290).

Nesse sentido, como bem aponta o professor e divulgador Bruno Leal Pastor de Carvalho¹⁰

Pós-verdade foi escolhida “a palavra do ano” pelo *Dicionário Oxford* em 2016, o termo é definido da seguinte maneira: “relacionar ou denotar circunstâncias em que fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelar à emoção e à crença pessoal”. No que pese o debate nada desprezível sobre a objetividade dos fatos e a verdade, a era da pós-verdade seria uma época em que pesquisas, estudos, estatísticas e discursos amparados na verificação, na checagem, na revisão e na ciência de dados e fatos têm um valor reduzido diante do apelo emocional dos discursos (CARVALHO, 2021, p. 161).

Hoje, basta você ter um perfil em uma rede social (falso ou verdadeiro), publicar qualquer coisa que queira e essa publicação pode ser passada adiante, afinal, as notícias falsas são mais amplamente divulgadas e “viralizam” mais rápido do que a verdade, pelo caráter sensacionalista que geralmente carregam. Quem nos dera fossem apenas alguns perfis em redes sociais divulgando mentiras, mas existem muitos órgãos especializados em criar perfis falsos e ideias mentirosas e fantasiosas de que muita gente também está pensando naquela mentira/narrativa/versão. Já as pessoas, sufocadas pelo excesso de dados e informações, acabam acreditando em tais caminhos falaciosos. Com isso, sempre que nos deparamos com

¹⁰ Bruno Leal Pastor de Carvalho é o fundador e o editor-chefe do site Café História: <<https://www.cafehistoria.com.br/about/>>. Acesso em: 16 nov. de 2022.

determinadas notícias, precisamos nos perguntar “quem ganha e quem perde com tais narrativas?”. Assim, voltando à História:

Todo zelo para combater as “fake news” tem que ser complementado com um igual – senão maior – zelo para enfrentar a “fake History”. “Fake History” é um fenômeno de longo prazo que tem emergido ante nossos olhos. E de modo distinto de como as “notícias reais” contrapõem-se às “fake news” todo dia na esfera pública, a “história real” que se contrapõem à “fake History” desapareceu gradualmente da vista do público (SOUZA; DUARTE, 2021, p. 329).

Parte do público não acadêmico vêm usando a televisão, a internet e suas ferramentas de forma mal intencionada para negar e/ou manipular o passado e a História, como é o caso do programa “Alienígenas do passado”, do *History Channel*, quando distorcem a história humana e colocam extraterrestres como grandes protagonistas da história do mundo. Cabe a nós, pesquisadores das humanidades, em especial historiadores e historiadoras, ficarmos alertas e combater com seriedade e criticidade tais discursos abusivos. É evidente que não é preciso cursar História para falar de História, mas “é preciso ser rigoroso no que se pesquisa e responsável no que se escreve para ser confiável. Do contrário, serão apenas histórias da carochinha” (PINSKY, 2013, p. 21).

1.2 CRENÇAS E TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO

Especialistas de diversas áreas do conhecimento explicam que a Terra é esférica, ou melhor, elipsoide; que a humanidade realmente chegou à Lua e que as vacinas são estatisticamente seguras; que as pirâmides foram construídas pelos seres humanos, que o covid-19 é uma doença potencialmente letal etc. Contudo, para muitos, nada disso parece ser suficiente. Os mitos persistem independentes da ciência e da lógica (CASTRO, 2020).

Já conhecemos os três Cavaleiros do Apocalipse da História Pública, agora vamos analisar, de maneira sucinta, alguns dos sintomas que eles causam à humanidade: teorias da conspiração, como o Terraplanismo, o movimento antivacina e seres de outros planetas, por exemplo. Estes são terrenos insalubres nos quais estudiosos da humanidade acabam tendo que pisar não tão raramente quanto gostaríamos, pois tocam em assuntos da nossa área. Portanto, esses assuntos deveriam receber mais nossa atenção enquanto objetos de investigação.

Para esse trabalho, busquei por referências bibliográficas que abordassem o tema a fim de dar maior sustentação aos meus argumentos, porém fui pouco feliz na pesquisa. O termo “teoria da conspiração” aparece lateralmente em alguns casos, simplesmente mencionando que certos grupos sociais são mais propensos a aderir a ideias conspiratórias. Os poucos

textos sobre o tema que encontrei eram da área da psicologia, enquanto que a História parece não se debruçar sobre a temática com devida importância. Como defende Bloch (2001), os/as historiadores/as precisam saber dialogar com outras áreas do conhecimento, entre elas, a própria psicologia. O conhecimento histórico não é inerente ao ser humano, é necessário um treinamento diário, grande esforço, pensamento contraintuitivo e uma alta carga de leitura para adquirir o hábito de pensar historicamente e, o “cidadão comum”, infelizmente, nem sempre tem acesso a essas condições. Tornando-se de extrema importância que voltemos nossas atenções às narrativas conspiratórias que ocupam, justamente, esse espaço do qual nos ausentamos.

Veja, a crença na Terra plana envolve outros pontos problemáticos além de negarem que a Terra é uma “bola”. Esse grupo (terraplanistas) é “frequentemente amparado em pilares conspiracionistas e religiosos, não raro explicitamente criacionistas” (MARTINS, 2018, p. 140), ou seja, negam a evolução, os Australopithecus, os demais hominídeos e tudo o que sabemos sobre a Pré-História. Nesse sentido, não seria a Bíblia uma *fake news* que veio a se tornar um tipo de teoria da conspiração que já dura milhares de anos, assim como todas as outras crenças religiosas e/ou mitologias?

Se você culpa o facebook, Trump ou Putin por introduzir a nova e assustadora era da pós-verdade, lembre-se de que séculos atrás milhões de cristãos se fecharam dentro de uma bolha mitológica que se autorreforçava, nunca ousando questionar a veracidade factual da Bíblia, enquanto milhões de muçulmanos depositaram sua fé inquestionável no Corão. Por milênios, muito do que era considerado “notícia” e “fato” nas redes sociais humanas eram narrativas sobre milagres, anjos, demônios e bruxas, com ousados repórteres dando cobertura ao vivo diretamente das mais profundas fossas do submundo. Temos zero evidência científica de que Eva foi tentada pela serpente, que as almas dos infiéis ardem no inferno depois que morrem ou que o criador do universo não gosta quando um brâmane se casa com um intocável – mas bilhões de pessoas têm acreditado nessas narrativas durante milhares de anos. Algumas *fake news* duram para sempre (HARARI, 2018, p. 290).

Quando algumas centenas ou milhares de pessoas acreditam “durante um mês numa história inventada – isso é *fake news*. Quando 1 bilhão de pessoas acredita durante milhares de anos – isto é uma religião, e somos advertidos a não chamar de *fake news* para não ferir os sentimentos dos fiéis!” (HARARI, 2018, p. 290). Enquanto que a teoria de que seres extraterrestres super avançados intelectual e tecnologicamente visitaram o planeta Terra há milhares de anos, por vezes acaba tirando o protagonismo do ser humano na formação de sua própria história. É o caso, por exemplo, da própria teoria de que foi graças à tecnologia alienígena que as pirâmides do Egito foram construídas ou ainda que estes foram responsáveis

por inúmeras decisões políticas de fundamental impacto na história mundial. Mais do que terem visitado a Terra antigamente, diversas pessoas ainda crêm que

Centenas de raças alienígenas atualmente vivem na Terra, que sua presença no passado remoto da Terra foi mal interpretada a ponto de gerar a idolatria que originou as principais religiões atuais, que diversas dessas raças alienígenas sequestram seres humanos a uma média de centenas ou milhares por dia há décadas ou séculos, que os sequestrados experimentam regularmente relações sexuais e outros procedimentos altamente invasivos com os alienígenas, que milhares ou milhões de seres híbridos humano-alienígenas têm sido produzidos nesse processo para povoar a Terra ou outro planeta, que os governantes de diversos países deram seu aval aos alienígenas para tais atividades clandestinas (MARTINS, 2018, p. 139).

Uma característica basilar dessas crenças de caráter negacionista é “o incentivo a ‘pensar por si mesmo’ e romper a ‘doutrinação’ de governos e cientistas” (MARTINS, 2018, p. 140). Esses conspiracionistas já têm a sua verdade estabelecida, não importa o que os especialistas digam e comprovem. Inclusive, o efeito é o oposto, o fato dos especialistas “contestarem essas crenças é para o teórico da conspiração apenas a confirmação de que realmente há uma conspiração oculta e maligna para esconder a verdade” (CASTRO, 2020). Ou seja, não adianta discutir, usar dados, evidências e provas. Sendo assim, como questiona Pierre Vidal-Naquet, “seria possível um astrofísico dialogar com um ‘pesquisador’ que afirma ser a Lua feita de queijo Roquefort?” (VIDAL-NAQUET, 1988, p. 11). Tais teorias “alternativas” ou “paralelas” defendem que nenhum acontecimento no mundo é por acaso, seriam projetos com intenções ocultas dos governantes ou pelo menos acobertadas por eles (nem sempre esses governantes são seres humanos, de acordo com os teóricos da conspiração). Como bem resume Ricardo Figueiredo de Castro:

poderíamos dizer que a teoria da conspiração (*conspiracy theory*) é uma explicação sobre eventos sociais, especialmente políticos, baseada na crença de que por trás de todos os atos humanos há a ação dissimulada e maligna de indivíduos e grupos que lutam para dominar o mundo. Essas teorias baseiam-se na crença religiosa de que a realidade é dominada por uma luta eterna entre o bem e o mal. Apesar de frequentemente ser formatada em uma narrativa aparentemente racional e até científica, esse tipo de “teoria” não está sustentada em pesquisa baseada na coleta e análise crítica de todas as informações e explicações disponíveis, na formulação de hipóteses e, finalmente, na proposição de uma teoria. Ao contrário, ela usa e abusa de diferentes “falácias lógicas”, isto é, argumentos falsos, mas com a aparência de verdadeiros (CASTRO, 2020).

Logo mais neste trabalho, falarei de como o programa “Alienígena do Passado abusa de falácias lógicas/argumentos falsos e, sem se utilizar de pesquisas sérias, os interlocutores formulam hipóteses, por exemplo, de que as três pirâmides no Egito encontram-se

posicionadas de maneira que lembram a posição de três estrelas no céu e isso é suficiente para deduzir que foram seres extraterrestres que ergueram tais monumentos.

Ademais, já foi dito anteriormente que as notícias falsas são tão antigas quanto a humanidade, nesse sentido, as teorias da conspiração, que surgem de mentiras ou apenas de ideias distorcidas, não são uma grande novidades do século XXI, mas, assim como as *fake news*, com a internet elas são mais amplamente disseminadas como se fossem notícias “e recebidas como explicações legítimas sobre eventos políticos, tornando-se parte integrante do senso comum” (CASTRO, 2020), permitindo que aquelas pessoas estigmatizadas como “loucos” ou “conspiracionistas” em razão de suas crenças possam se conectar e organizar-se entre si.

Assim, torna-se imprescindível, mais do que nunca, que estejamos mais envolvidos nos meios públicos atuais, reconheçamos a gravidade do problema e nos esforcemos para distinguir realidade da ficção, reconhecendo a necessidade de disputar o espaço público com narrativas históricas (não apenas com aquelas que afirmam que feitos do passado são obras de alienígenas) e de investir em iniciativas de divulgação científica para combater todo tipo de mentira e teoria mal intencionada que acabam por deslegitimar pesquisas de cientistas sérios e prejudicam a boa compreensão que a população tem de sua própria história.

1.3 AS REDES SOCIAIS E OS TEÓRICOS DAS CONSPIRAÇÕES

Meu objetivo, neste tópico, é apresentar alguns exemplos de páginas com teor conspiracionista nas plataformas digitais mais usadas nos dias de hoje, como o Facebook, o Instagram, o YouTube e a Wikipédia e, analisá-las para entender quando foram criadas, como se articulam, quais são as postagens e os debates que acontecem dentro delas. Até porque “a web parece configurar-se numa espécie de “esfera pública” que dispensa qualquer “validação” formal ou atestado de competência para uma interpretação particular do passado” (MALERBA, 2017, p. 144). Ademais, como percebemos com Victor Ferreira e Silva (2020), a necessidade social por história coincide com grupos ideológicos que buscam manipular o conhecimento científico e impor novas narrativas sobre o passado.

No tocante à Terra Plana, segundo a Wikipédia¹¹

Na era moderna, a proliferação de tecnologias de comunicação e plataformas de mídia social como o YouTube, Facebook e Twitter deram a indivíduos, famosos ou não, meios de difundir ideias científicas e pseudocientíficas, a fim de atrair seguidores. As conjecturas da Terra plana floresceu nesse ambiente. No dia 27 de

¹¹ <https://pt.wikipedia.org/wiki/Terra_plana>. Acesso em: 10 jan. 2023.

junho de 2017 o grupo de hackers Anonymous defendeu a Terra plana, num vídeo em que contesta todas as informações que se conhece sobre o universo. A Terra, por exemplo, seria plana, e a gravidade, uma mentira (WIKIPÉDIA, s/a).

Segundo a Wikipédia, o grupo de *hackers* citados acima teria dito que “nos últimos dois anos, o grupo de terraplanistas tem crescido muito. Eu lhes garanto que existe um motivo para isso: se a teoria da Terra plana não tivesse nenhum mérito, não teria durado mais do que dois meses na internet” (WIKIPÉDIA, s/a). O site finaliza apontando que

Com estas frases os hackers iniciam o vídeo, que ainda alega que 90% da população mundial está dormindo em sono profundo, já que muitas pessoas ainda estariam sob a influência da grande mídia. Ainda segundo eles, a organização (NASA) receberia inúmeros incentivos fiscais para divulgar apenas imagens de “desenhos animados” (WIKIPÉDIA, s/a).

Primeiramente, convém admitir que a Wikipédia é uma importante fonte de informações, quem nunca utilizou o site para fazer uma pesquisa rápida? E isso pode vir a despertar cada vez mais o interesse das pessoas, sobretudo pela História. Em contrapartida, devemos nos preocupar, pois a plataforma, muitas vezes, acaba por pecar quanto à abordar questões mais difíceis e críticas que os estudos rigorosos abordam. Prova disso é o exemplo trazido pelo historiador norte americano, Jason Steinhauer, em seu recente livro “*History Disrupted*”(2022), no qual nos conta sobre um historiador que tentou mudar um verbete com uma “verdade” e foi recusado várias vezes pelo site. Os editores da Wikipédia disseram a ele que a plataforma não era sobre a “verdade”,

Pelo contrário, a Wikipédia era "verificabilidade de fontes confiáveis". O objetivo de uma entrada na Wikipédia não era arbitrar o que era verdade, mas documentar o consenso sobre o que poderia ser verificado. Uma entrada da Wikipédia refletia a sabedoria aceita do maior número de fontes confiáveis (STEINHAUER, 2022, p. 25, tradução minha).

Bom, tendo em vista o trecho do verbete sobre Terra Plana acima e o exemplo trazido por Steinhauer para entendermos como funciona a Wikipédia, podemos deduzir que inúmeros teóricos da conspiração encontram respaldo na plataforma, pelo fácil acesso (estar, na maioria das vezes, no topo da lista de páginas quando se procura por algum tema no Google) e pela linguagem não tão “rebuscada”.

Uma amostra de grupo conspiracionista na internet que trago aqui é uma página do *instagram* chamada “terra_planistas”¹², fundada em 2017, que conta com mais de 22 mil seguidores e tem em sua descrição a frase: “Estou tentando libertar sua mente, mas eu só

¹² <https://www.instagram.com/terra_planistas/>. acesso em 13 jan. 2023.

posso lhe mostrar a porta. Você é quem deve atravessá-la”. O criador nutre a página diariamente com vídeos e imagens que, geralmente, têm um teor cômico, como se estivesse debochando do que seus seguidores chamam de “globalóides”, ou seja, todos que não crêm na sua teoria alternativa de que a Terra seria plana e coberta por um “domo celestial”. Comumente, em suas postagens, refutam o heliocentrismo, as vacinas, o evolucionismo, etc., usando como argumentos trechos e interpretações da Bíblia. Como exemplo de negacionismo nos discursos terraplanistas, temos uma postagem do dia onze de janeiro de 2023, que defendia que o heliocentrismo era apenas uma teoria não comprovada. Dentre os comentários desta postagem temos frases como “[o heliocentrismo] não passa de física filosófica e satânica” e que “heliocentrismo é isso, uma religião aos deuses pagãos, com o propósito de nos afastar do Criador e da glória da Sua criação”.

Outra narrativa bastante recorrente entre esse grupo é a de que a verdade está sendo escondida de nós pelo “sistema”, governos e governantes globais. Exemplo disso é quando em postagem do dia 2 de novembro de 2022, na qual aparece o ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, apertando a mão do bilionário Elon Musk, uma seguidora da página comenta: “A verdade é que grandes líderes, na maioria das vezes, estão envolvidos com o ocultismo, e adoração às forças das trevas, o que almejam é favorecer a chegada do seu líder, o Anticristo”. Vale ressaltar que o administrador da página também tem um canal no *YouTube*¹³ sobre o mesmo assunto, tendo um número muito menor de inscritos (cerca de 4 mil) e com pouco mais de 50 vídeos (até o momento) postados, com uma periodicidade bem menor do que a atualização da página.

Quanto à narrativa de que antigos seres extraterrestres teriam sido fundamentais na história do planeta, apresento o grupo do *Facebook* nomeado com o mesmo título do programa tão citado neste trabalho (Alienígenas do Passado) com mais de 178 mil seguidores¹⁴. O grupo não tem um administrador ativo publicando textos ou fotos periodicamente, mas sim diversos seguidores interagindo constantemente por meio de *links* compartilhados. Para vermos o tipo de assunto abordado pelos usuários, no dia 12 de janeiro de 2023, um seguidor postou um *link* da plataforma *Youtube* sobre um extraterrestre conhecido como Ashtar Sheran. No texto de introdução do vídeo o personagem é apresentado como sendo um “alienígena loiro, de 1,90m de altura, e preside uma espécie de ONU intergalática, da qual Jesus Cristo (chamado de Lord Sananda) é o Governador espiritual

¹³<<https://www.youtube.com/channel/UCVHkdkrk9YOecPm-DUY7RHA>>. Acesso em 13 jan. 2023.

¹⁴<<https://www.facebook.com/groups/307302602715537>>. Acesso em 16 jan. 2023.

representante da Terra”¹⁵. Assim, percebemos que a imagem dos “ET’s” tradicionalmente construídas como seres humanóides, geralmente verdes ou cinzas, com olhos gigantes não é unânime, sendo Ashtar Sheran muito similar aos seres humanos (homem, branco e loiro, lógico), além da própria representação física de Jesus Cristo estar/ser ligada a esse personagem. Talvez estas narrativas tenham sido usadas como uma forma de aproximar e trazer novos “pesquisadores” a assuntos ligados à ufologia.

Mais um exemplo do que encontramos neste grupo é uma postagem do dia 11 de janeiro de 2023, na qual um seguidor compartilhou um *link* de um texto publicado no site também chamado “Alienígenas do Passado”, intitulado “Faraó Akhenaton pode ser um híbrido extraterrestre segundo novos testes de DNA”¹⁶. Falaremos mais sobre Akhenaton e o Antigo Egito, mais adiante.

Desta maneira, nota-se que as plataformas digitais acabam fomentando crenças e teorias alternativas, fazendo com que inúmeras pessoas acreditem que

Extraterrestres malignos se infiltraram nos altos escalões do governo para manipular a humanidade, que um alienígena bondoso e belo chamado Ashtar Sheran combate as raças malignas extraterrenas sob ordens diretas de Jesus Cristo, que certos alienígenas podem comer de carne humana a gelatina de supermercado, que os contatados são eles mesmos alienígenas reencarnados como humanos na Terra, entre outras crenças (MARTINS, 2018, p. 139).

Sendo assim, com esses exemplos, apresentados de maneira breve e sucinta, fica claro a urgência de as ciências humanas aprofundarem os estudos acerca das teorias da conspiração, pois estas vêm ganhando espaço no cotidiano das pessoas, sobretudo por meio de redes sociais que, como já comentado, são um terreno insalubre, é verdade, mas que também apresentam um grande potencial, sendo de extrema importância que as utilizemos “tanto como fonte como objeto de estudo do historiador” (CARVALHO, 2016, p 44). Ou seja, devemos fazer uso das redes sociais como meio de pesquisa e de divulgação de um conhecimento histórico mais sério, crítico e honesto.

Por fim, no capítulo seguinte, será apresentado como o continente africano é vítima de discursos negacionistas, revisionistas e das *fake news*, bem como apontarei exemplos de como a História Pública digital pode colaborar positivamente para a História da África.

¹⁵<<https://www.facebook.com/photo/?fbid=2419057144915106&set=gm.5496262767152802&idorvanity=307302602715537>>. Acesso em 16 jan. 2023.

¹⁶<<https://alienigenasdopassado.com.br/farao-akhenaton-pode-ser-um-hibrido-extraterrestre-segundo-novos-testes-de-dna/?fbclid=IwAR38aZ1FoM9FUPDE0Plrm0SsMjdAmY9sUZlXkHibcPt-27iFo2uCWFODL-g>>. Acesso em 16 jan. 2023.

CAPÍTULO 2: A ÁFRICA É UM CONTINENTE PLURAL E TEM HISTÓRIA

De todos os lugares do mundo, o continente africano é com certeza o que mais sofre com generalizações e preconceitos. As noções ocidentais do universo africano não só geram uma gama de estereótipos em termos de práticas culturais, sociais e econômicas, interações com a natureza ou relações com o corpo, mas também ilustram “um imaginário específico na visão Ocidental” (CONCEIÇÃO, 2017, p. 47). Geralmente, ao sermos apresentados ao continente e sua história, nos deparamos com filmes, séries, documentários, matérias de jornais, revistas e de televisão que acabam por fazer um verdadeiro desserviço aos africanos, pois as principais narrativas são sobre a fome, a miséria, conflitos étnicos, doenças, instabilidade política, etc., não nos possibilitando outro sentimento que não seja o de pena (ADICHIE, 2019). Outra problemática recorrente é uma “suposta associação dos africanos e do próprio continente à condição escrava, como algo inerente e um demarcador da sua identidade histórica” (CONCEIÇÃO, 2017, p. 38), algo que acaba por definir o que o senso comum conhece sobre a África. No entanto, a história desse povo vai muito além de entender esses sistemas opressores que violaram todos os tipos de direitos humanos ao longo de séculos.

Em “O perigo de uma história única”¹⁷ (2019), a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, uma das principais e mais brilhantes pensadoras da atualidade, nos alerta dizendo que “a história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história” (ADICHIE, 2019, p. 26), impedindo-nos, assim, de conectar a África com o oposto dessas ideias simplórias e preconceituosas. A África é um território gigante e diverso, com inúmeros povos, organizados em diferentes formas sociais, culturais, políticas e religiosas muito antes da chegada do homem branco. Essas ideias únicas sobre África são umas das *fake History* que confrontamos atualmente, ou seja, são tão reproduzidas e difundidas que instantaneamente pensamos que é a pura verdade, embora quase nada entendamos sobre esta realidade.

¹⁷ O *perigo de uma história única* é uma adaptação de uma palestra proferida por Chimamanda Ngozi Adichie no Ted Talk, em 2009. Treze anos depois, o vídeo é um dos mais acessados da plataforma, com milhões de visualizações. Ted Talk disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg&t=162s&ab_channel=TED>. Acesso em: 29 out. 2022.

Para um melhor entendimento da afrocentricidade¹⁸, uma proposta interessante é enfatizarmos canções do *rap*, visto que o movimento é oriundo de vários desdobramentos insurgentes africanos (FERREIRA, 2019). A canção *Principia*¹⁹, do *rapper* Emicida, faz um excelente trabalho de combate à narrativa da “história única” da África (e da cultura afro-brasileira). Ainda na introdução da música, Emicida nos conta sobre sua primeira viagem à África, quando um amigo o levou a um museu da escravidão em Angola. Ele segue, dizendo que naquele museu havia uma pia onde está escrito: “foi nessa pia que os negros foram batizados e através de uma ideia distorcida do cristianismo, eles foram levados a acreditar que eles não tinham alma” (EMICIDA, 2019). Após contar sobre sua experiência no Museu da Escravidão, ele afirma que sua missão é, a partir de então, cada vez que pegar em uma caneta e em um microfone, devolver a alma de cada um de seus irmãos e de suas irmãs que um dia sentiram que não tinham uma. Assim como o *rapper*, devemos revisitar a história da África e propor, quem sabe, uma (re)escrita dessas histórias tradicionalmente perversas. Ora, sabemos que este é um continente repleto de problemas, como as heranças da escravidão e do colonialismo, porém há outras histórias que não são sobre “catástrofes” e falar sobre elas é tão importante quanto (ADICHIE, 2019). De acordo com o antropólogo e professor brasileiro-congolês Kabengele Munanga

Evidentemente, o tráfico negreiro e em consequência a escravidão e depois a ocupação colonial foram acontecimentos de grande envergadura que mudaram a história original da África, mas isto não quer dizer que essa história não existiu antes ou começou a existir apenas a partir do tráfico ou a partir da Conferência de Berlim. Como a história de todos os povos, a da África tem passado, presente e continuidade. Mais do que isso: sendo a África o berço da humanidade, é a partir dela que a história da humanidade começa e nela se desenvolveram as grandes civilizações que marcaram a história da humanidade, como a civilização egípcia. Por que essa história foi negada e quem a negou? Não foram os africanos, vítimas da negação. Foram os ocidentais, por questões ideológicas e políticas que acabaram alienando a personalidade coletiva do africano (MUNANGA, 2015, p 25).

Evidentemente, como bem adverte o historiador burquinense Joseph Ki-Zerbo (2010), (re)escrever a história africana não se trata de construir uma “história-revanche”, que relançaria a história colonialista como um bumerangue contra seus autores, mas de mudar a perspectiva e trazer à tona imagens e narrativas esquecidas, invisibilizadas ou perdidas. Ainda segundo o autor

¹⁸ Complexo filosófico foi proposto em 1980 pelo professor Kete Molefi Asante, é uma proposta epistemológica baseada em um amplo conjunto de signos africanos oriundos da África pré-colonial e de emblemas insurgentes dos períodos de resistência contra a invasão e destruição promovidas pela colonização (FERREIRA, 2019).

¹⁹ EMICIDA. *Principia* – Ao Vivo part. Pastor Henrique Vieira. Disponível em: <https://youtu.be/h8gotN_Na28>. Acesso em: 29 out. 2022.

A história da África é pouco conhecida. Quantas genealogias mal feitas! Quantas estruturas esboçadas com pontilhados impressionistas ou mesmo encobertas por espessa neblina! Quantas sequências que parecem absurdas porque o trecho precedente do filme foi cortado! Esse filme desarticulado e parcelado, que não é senão a imagem de nossa ignorância, nós o transformamos, por uma formação deplorável ou viciosa, na imagem real da história da África tal como efetivamente se desenrolou. Nesse contexto, não é de causar espanto o lugar infinitamente pequeno e secundário que foi dedicado à história africana em todas as histórias da humanidade ou das civilizações (KI-ZERBO, 2010, p. 32)

Então, além de lermos pesquisadores e pesquisadoras africanos e africanas, devemos fazer com que suas vozes sejam ouvidas, compreendidas e debatidas, para isso, o campo da História Pública vem a ser uma excelente alternativa para “alcançar e alimentar o grande público com nossas pesquisas e conectá-lo a nossa torre de marfim” (FALOLA, 2007, p. 16). Público esse que, muitas vezes, só escuta falar da África nos noticiários e/ou ainda pensa que se trata de um país e não um continente composto de mais de 50 países.

2.1 QUEM CONTA A HISTÓRIA DA ÁFRICA?

Existe um antigo provérbio africano que indaga mais ou menos o seguinte: “por que é sempre o leão que morre nas histórias? Porque quem conta as histórias é sempre o caçador”. Assim como Chimamanda, muitas crianças (mas não apenas) conhecem primeiro uma história da África oriunda de uma literatura ocidental, um lugar com “paisagens maravilhosas, animais lindos e pessoas incompreensíveis travando guerras sem sentido, morrendo de pobreza e de AIDS, incapazes de falar por si mesmas e esperando para serem salvas por um estrangeiro branco e bondoso” (ADICHIE, 2019, p. 18-19). Ou seja, a história ensinada aos africanos é uma história falsificada, desmembrada e reduzida a uma série de preconceitos triviais. O fato de a história “oficial” da humanidade se basear em padrões eurocêntricos nos distancia de uma visão positiva do passado intelectual e científico dos povos africanos. A escritora nigeriana traz uma citação extremamente preconceituosa de um de um inglês, John Lok, para mostrar uma narrativa da África feita por um branco do século XVI:

Após se referir aos africanos negros como “animais que não tem casa”, ele escreveu: “também é um povo sem cabeça, com a boca e os olhos no peito”. Rio toda vez que leio isso. É preciso admirar a imaginação de John Lok. Mas o mais importante sobre o que ele escreveu é que representa o início de uma tradição de contar histórias sobre a África no Ocidente: uma tradição da África subsaariana como um lugar negativo, de diferenças, de escuridão, de pessoas que, nas palavras do maravilhoso poeta Rudyard Kipling, são “metade demônio, metade criança” (ADICHIE, 2019, p. 19-20).

Tão bizarra quanto este relato, é o discurso negacionista que apaga a exploração dos grupos subalternos do Antigo Egito pelos governantes políticos do período, “sugerindo soluções interplanetárias (deuses astronautas e outras bobagens do gênero) para o problema de transporte de pedras para a construção de monumentos erguidos ao custo da morte de milhares de servos” (PINSKY; PINSKY, 2021, p. 11-12). Talvez, para muitas pessoas, seja muito mais fácil acreditar que alienígenas viajaram anos luz e construíram as pirâmides e as esfinges há milhares de anos (ou pelo menos disponibilizaram o conhecimento e a tecnologia para tal) do que aceitar que pessoas negras teriam capacidade de construir complexos arquitetônicos gigantes ou produzir conhecimentos científicos “avançados” para o período, como é o caso da técnica de mumificação, também desenvolvida pelos antigos egípcios.

O pensamento filosófico europeu do século XIX e as teorias racialistas contribuíram demasiadamente para a negação e a invisibilidade histórica do continente ao desenvolvimento humano. Hegel, filósofo alemão desse período, demonstra isso na medida em que, segundo ele, a África não consistiria em uma parte histórica do mundo:

A principal característica dos negros é que sua consciência ainda não atingiu a intuição de qualquer objetividade fixa, como Deus, como leis, pelas quais o homem se encontraria com a própria vontade, e onde ele teria uma ideia geral de sua essência. Em sua unidade indiscriminada e compacta, o africano ainda não chegou a essa distinção de si como indivíduo e de sua generalidade essencial. Por isso, carece também do conhecimento de uma Essência absoluta, que seria um ouro, superior a ele mesmo. O negro representa, como já foi dito, o homem natural, selvagem e indomável. Devemos nos livrar de toda reverência, de toda moralidade e de tudo o que chamamos de sentimento, para realmente compreendê-lo. Neles, nada evoca a ideia do caráter humano (HEGEL, 1995, p. 84).

“Hegel dominou por muito tempo o pensamento histórico no Ocidente, notadamente em sua abordagem histórica dos povos não europeus” (MUNANGA, 2015, p. 27). Infelizmente, muitas dessas perspectivas problemáticas ainda encontram eco em nossa sociedade contemporânea e contribuem para a instalação do preconceito em relação à África e aos africanos. Pesquisadores/as das humanidades devem se reapropriar dessas narrativas e repará-las; traçar metodologias apropriadas para enfrentá-las e contê-las; reorganizar a produção e apresentação do conhecimento sobre a história dos povos africanos. Como bem aponta Toyin Falola (2007), “as Humanidades devem redefinir, colocando o que é africano no centro. Onde outros vêem barbarismo e caos, temos de ver alguma outra coisa” (FALOLA, 2007, p. 22). O Ocidente tinha o poder de “criar” uma África para se apropriar de seus recursos e foi bem-sucedido. Aqui, podemos fazer um paralelo com o Orientalismo, de Edward Said (2007), na qual o autor demonstra como a visão do Oriente passa por uma visão

ocidentalizada que não dá conta de entender o Oriente propriamente como ele de fato é. Ainda no prefácio da obra escrito em 2003, o pensador palestino-estadunidense aponta que

As sociedades contemporâneas de árabes e muçulmanos sofreram um ataque tão maciço, tão calculadamente agressivo em razão de seu atraso, de sua falta de democracia e de sua supressão dos direitos das mulheres que simplesmente esquecemos que noções como modernidade, iluminismo e democracia não são, de modo algum, conceitos simples e consensuais que se encontram ou não, como ovos de Páscoa, na sala de casa (SAID, 2007, p. 15).

Ou seja, nós, ocidentais, praticamente ignoramos os processos históricos que resultaram em nossa experiência contemporânea no Ocidente para colocar sob esse molde de perspectiva, de olhar para o Oriente e fazer cobranças para a região, como se ela tivesse passado pelos mesmos processos históricos que o Ocidente passou, como o iluminismo e a democracia. As reflexões de Said, embora sejam principalmente voltadas ao Oriente Médio, podem muito bem serem adaptadas para a forma que os ocidentais lidam com o seu conhecimento acerca do continente africano. Logo, é preciso intervir, construir uma compreensão atualizada e adequada dos africanos e o novo mundo globalizado pode vir a nos proporcionar esta maior compreensão.

2.2 COMO A HISTÓRIA PÚBLICA DIGITAL PODE COLABORAR COM A HISTÓRIA DA ÁFRICA?

A memória do negro brasileiro vem sendo agredida sistematicamente pela estrutura de poder e dominação há séculos criada pelo eurocentrismo. Isto também ocorre com a memória do negro africano, igualmente vitimado pelas distorções impostas em suas capacidades de entender suas linhas-de-tempo e memórias. E, muito ao contrário do que alguns historiadores sugerem, o tempo do negro não se iniciou com a chegada do europeu ao continente africano, no final do décimo quinto século da era cristã; muito menos com a escravização de milhões de africanos deportados ao mundo ocidental (FERREIRA, 2019).

Assim, com as mídias digitais podemos ter acesso à histórias e pesquisas sérias sobre esse continente tão difamado e mal interpretado, além de conhecer sua história a partir de autoras e autores africanos. Hoje, sabemos que negros africanos iniciaram e desenvolveram invenções científicas e tecnológicas, como matemática, medicina agricultura, metalurgia e domesticação de plantas e animais. De fato, as humanidades produzem muito conhecimento acerca da África, mas o que acontece com seu consumo? Novamente caímos no problema da escrita para os pares, a escrita que esbarra nos muros da academia. Em 2003, a Lei nº 10.639 entrou em vigor, tornando obrigatória a inclusão da História da África e da cultura dos

afro-brasileiros nos currículos escolares, essa lei é um marco histórico para a educação e a sociedade brasileira, entretanto esses debates permanecem em instituições de ensino e o conhecimento precisa extrapolar essa fronteira.

Os países africanos têm o direito de ter a sua história contada e conhecida de maneira honesta e justa, porém, como dito anteriormente, as imagens que circulam e se disseminam de África são aquelas extremamente estereotipadas. Tendo essas problemáticas em mente, as humanidades precisam estar atentas às iniciativas de História Pública Digital que tem como foco a História da África, fazer com que os conhecimentos cheguem ao público que não está dentro de instituições de ensino, sejam escolas ou universidades. Atualmente, o ritmo da pesquisa e produção científica sobre a África é muito grande e de muita qualidade, mas os pesquisadores contemporâneos precisam fazer, também, o papel de mediadores entre esse conhecimento produzido e a sociedade. A História Pública não serve apenas para divulgação dos estudos acadêmicos, embora essa dimensão seja importante, não é esta a única função: ela é uma subdisciplina com enorme potencial para remodelar a disciplina histórica.

Trago aqui, alguns exemplos de iniciativas eficientes de História Pública brasileiras que têm como temática a História da África. Em primeiro lugar, a ABE-ÁFRICA²⁰, que trata-se de uma associação independente, sem fins lucrativos, aberta a acadêmicos de todas as disciplinas, incluindo professores universitários, professores da educação básica, estudantes de pós-graduação, pesquisadores independentes e graduandos que estudem o continente africano. A instituição possui uma revista semestral, além de páginas em outras redes sociais, como *Facebook*, *Instagram* e *Youtube*, e indicações de outros sites para quem tem interesse na temática. Porém, a iniciativa ainda apresenta um caráter bastante acadêmico, tendo pouca ligação com o público não especializado.

Em segundo lugar, o site Arte Africana²¹, que visa apoiar o ensino e ampliar a disseminação do conhecimento sobre a cultura material africana e afro-brasileira a partir do conhecimento sobre a arte africana coletado e acumulado em museus. Além de contar com acervo de artigos e ensaios, o site disponibiliza diversos links de museus digitais na África, no Brasil e Europa, entre eles o Museu Afro-Brasileiro, o Museu Egípcio do Cairo, Museu Nacional da República Democrática do Congo, Museu Nacional de Antiguidades e Artes Islâmicas e o Museu Zeitz de Arte Contemporânea da África. Nesse sentido, pode vir a ser uma excelente ferramenta pedagógica para ser usada em sala de aula, bem como um canal de divulgação para o grande público que possui interesse por História e museus que mostrem a

²⁰ Disponível em <<https://www.abeafrica.com/>>. Acesso em: 04 nov. de 2022.

²¹ Disponível em <<https://arteafricana.flch.usp.br/pt-br>>. Acesso em: 04 nov. de 2022.

grandeza da história dos povos africanos para além da escravidão e do colonialismo, aos quais dificilmente teriam acesso, em razão do distanciamento geográfico, uma vez que tais museus existem enquanto espaços físicos em países diversos e distantes.

O terceiro exemplo que aponto é o site *África em Arte-Educação*²² que, como o próprio nome já diz, tem como foco a educação, uma ferramenta para ser usada em sala de aula por professores/as das humanidades, principalmente da área de História. A plataforma é dividida em 4 módulos: 1) Bases legais para uma educação antirracista; 2) Construindo mapas mentais; 3) História cartográfica do continente africano e; 4) Culturas Africanas na Diáspora Americana. Cada um desses módulos está repleto de textos, imagens, mapas e atividades para pensar a história da África, o que torna a plataforma um recurso didático indispensável.

Por fim, o canal do *Youtube* *Mwana Afrika*²³, com mais de 15 mil inscritos e mais de 80 vídeos curtos com cerca de 3 minutos publicados, o que os torna mais acessíveis e fáceis de serem compartilhados entre o público não acadêmico. Tais vídeos abordam diversos temas, como religião, ciência, línguas, riqueza, beleza, biografias e curiosidades e são apresentados pela jornalista e pesquisadora angolana *Mwana Afrika*, a qual busca, através da iniciativa, mostrar e destacar a pluralidade dos povos africanos. A jornalista ainda possui um site (de mesmo nome), que se define como uma instituição de pesquisa, negócios culturais e consultoria acadêmica, fornecendo recursos focados na educação e cultura como determinantes do desenvolvimento e combate à escassez de narrativas africanas²⁴.

Assim como estes exemplos, existem diversas outras iniciativas de história pública voltada à mostrar que história africana não se resume apenas à escravidão, colonização ou o *apartheid* (embora esses assuntos ainda sejam extremamente importantes para compreender sua história), visto que esta narrativa criada pelo Outro apenas considera o africano como um sujeito passivo e mero coadjuvante de sua própria história. Mas, assim como devemos apontar as narrativas de qualidade, o/a historiador/a deve também estudar, analisar e apontar os meios digitais de comunicação que acabam fazendo um desserviço à História da África. Colocar o colonizador branco como “criador” da história da África já é bastante problemático, pense então em um certo programa de televisão que coloca humanóides superinteligentes de outros planetas nesse papel. É sobre isso que escreverei no próximo capítulo.

²² Disponível em: <<https://africaarteeducacao.ciar.ufg.br/index.html>>. Acesso em: 04 nov. de 2022.

²³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/MwanaAfrika/featured>>. Acesso em: 12 jan. de 2023.

²⁴ Site *Mwana Afrika*. Disponível em: <<https://mwanafrika.com/>>. Acesso em: 04 nov. de 2022.

CAPÍTULO 3: A HISTÓRIA É O ESTUDO DAS AÇÕES DE SERES ALIENÍGENAS AO LONGO DO TEMPO?

Muitas vezes ao longo deste texto foi falado sobre as teorias conspiracionistas de que seriam os “*aliens*” os responsáveis por inúmeros momentos importantes da história da humanidade. Com foco no continente africano, no presente capítulo abordarei tais teorias com maior profundidade, tendo como fonte principal o programa Alienígenas do Passado, do canal *History Channel*. Um dos pilares que fizeram com que o programa surgisse e se mantivesse até os dias de hoje é o livro “Eram os deuses astronautas?” do escritor suíço Erich Von Däniken, lançado originalmente na década de 1960. Este defende a tese de que existem outros seres inteligentes no universo e propõe que estes tenham trazido grandes conhecimentos à humanidade. Segundo Von Däniken

Temos que corrigir mil e um erros do passado. A confiança em nós mesmos, que vivemos fingindo, é inteiramente vã, e representa apenas uma forma aguda de obstinação. Continua reinando nos congressos de cientistas ortodoxos a ilusão de que uma coisa deve ser comprovada antes que uma pessoa “séria” deva – ou possa – ocupar-se dela. [...] “O bom senso”, exclamou há quinhentos anos um cientista no tribunal, “deve dizer-nos que a Terra não pode ser um globo, pois se assim fosse, os homens situados na metade inferior se precipitariam ao abismo!”. “Em parte alguma da Bíblia se afirma”, disse outro, “que a Terra gira em torno do Sol. Portanto, uma afirmação nesse sentido é obra do diabo!”. Parece que a parvoíce sempre foi uma reação característica especial nas épocas em que surgiram novos mundos de ideias. Mas, no limiar do século XXI, o pesquisador deveria estar preparado para enfrentar realidades fantásticas. Deveria estar ávido de proceder a uma revisão das leis e dos conhecimentos que durante milênios foram tidos como tabus, mas que estão postos em xeque por novos conhecimentos. Ainda que um exército reacionário de detentores do Prêmio Nobel esteja tentando opor barreiras a essa nova avalanche espiritual, será preciso, em nome da verdade e da realidade, conquistar um mundo novo contra todos aqueles que não querem aprender. [...] Entretanto, NADA mais é inimaginável. A palavra “impossível” deveria ter-se tornado literalmente impossível ao pesquisador moderno. Permanecemos, pois, insistentemente com nossa hipótese segundo a qual, há ignotos milhares de anos, astronautas vindos de planetas estranhos realmente visitaram a Terra (DÄNIKEN, 2000, p. 44-46.).

O trecho citado apresenta um verdadeiro exemplo de revisionismo ideológico, fundamentado no sensacionalismo, incessantemente fazendo uso de exclamações a fim de chamar a atenção dos leitores para incríveis e misteriosas descobertas científicas que serão desvendadas em um futuro próximo. O autor já tem sua verdade pré-estabelecida (o título da obra já dita a conclusão do livro), utilizando-se de meias verdades que corroboram para nos convencer que seus argumentos são verídicos, descartando qualquer evidência que não sustente sua hipótese. Däniken parece apenas trazer um compilado de curiosidades históricas/científicas onde a teoria de vida extraterrestre se encaixa. Ora, sabemos que a Terra

é um globo e que a mesma gira em torno do sol, entretanto, isto está longe de ser suficiente para provar que seres de outros planetas tenham nos visitado há milhares de anos.

Essa visão conspiracionista de que humanóides tecnologicamente hiper avançados deveriam ter sido a base para o desenvolvimento da vida humana na Terra hoje é muito difundida, em parte graças ao trabalho de Däniken. Mesmo com diversas explicações científicas muito bem fundamentadas para as tecnologias dos africanos, nativos americanos, babilônios e outros povos, que podem ter sido desenvolvidas pelos próprios humanos do período, ainda é comum ver monumentos arquitetônicos do passado e acreditar que os humanos “primitivos” não poderiam ter construído obras tão grandes e complexas nem ter desenvolvido conhecimentos utilizados até os dias atuais sem ajuda extraterrestre.

3.1 O *HISTORY CHANNEL*

Antes de falarmos sobre o programa *Alienígenas do Passado* em si, é importante apresentar o *History Channel*. O canal

Foi lançado no início de 1995 como uma descendência da rede Arts & Entertainment, com onze anos (A&E). Nos anos seguintes, o History Channel tornou-se cada vez mais uma parte padrão dos pacotes básicos de cabos, tanto nos Estados Unidos como no Reino Unido. Emergindo com a crescente proliferação de estações a cabo que começou na década de 1980, o History Channel juntou-se à constelação de estações dedicadas ao entretenimento especializado de não-ficção não noticiosa para públicos específicos, incluindo natureza (Animal Planet), jardinagem (Home & Garden Network), Travel Channel e canais de documentários generalizados como Discovery e The Learning Channel (TLC) (TAVES, 2000, p. 7, tradução minha).

De acordo com Márcio Souza Gonçalves, o *History Channel*

comporta em seu nome um certo compromisso com a verdade. Com presença em vários meios diferentes além da TV por assinatura, assim se apresenta no seu canal Youtube: “Bem-vindo ao canal oficial do HISTORY no Youtube, o principal destino de séries, documentários e produções originais que conectam os espectadores à história de maneira informativa, envolvente e divertida, em todas as plataformas”. A página no Facebook indica uma comunidade de cerca de 43 milhões de pessoas (GONÇALVES, 2019, p. 60).

O canal apresenta documentários originais, minisséries especiais e filmes ditos históricos em sua programação. De início, em seu cerne, o *History* talvez tivesse como objetivo aumentar a conscientização, incentivar e promover uma educação histórica, pelo menos é o que nos diz a consultora histórica da *A&E Television Networks* e do *History*

Channel em uma reportagem de outubro de 1995²⁵. Porém, atualmente o canal tem como principais fontes de audiência programas com temas contemporâneos de interesse duvidoso como leilões de itens raros (nem sempre) em lojas de penhores, competições de ferreiros e, nosso foco aqui, um programa que coloca alienígenas no centro da história humana²⁶, ou seja, muitas histórias e muito pouco sobre História.

Infelizmente, é através dos programas do *History* que uma grande parte do público tem contato com informações históricas, e ela (a História) “está disponível todos os dias na televisão através da programação no *The History Channel*” (TOPLIN; EUDY, 2022, p. 7, tradução minha). Mais do que isso, muitos dos telespectadores ainda acreditam que ao assistirem o canal, estarão aprendendo a “verdadeira História”, honesta e científica, aquela que seu professor “esquerdista” está escondendo e não quer que você saiba, mesmo que estejam apenas vendo um norte-americano descobrindo, em uma loja de penhores, quanto vale seu tinteiro que está na família há décadas ou dois ferreiros que tentam recriar uma espada usada pelos cavaleiros templários para ganhar uma premiação em dinheiro.

Quanto aos documentários originais do *History*, o público em geral não aplica o mesmo olhar crítico que quando assistem a um filme historicamente impreciso de *Hollywood*, não reconhecem a perspectiva ideológica carregada de valor na maioria dos audiovisuais do estilo documentário, estes são vistos como fontes objetivas e neutras de informação histórica, ou seja, os documentários são frequentemente tratados com a mesma reverência dada às fontes históricas primárias. Nesse sentido Jurandir Malerba alerta que

O público de história se expandiu vertiginosamente nos últimos anos, para muito além do público consumidor de livros – inclusive de livros de história popular. Mas ainda resta uma longa zona cinzenta em torno do conceito de história pública. A história é “pública” porque sua produção saiu da tutela acadêmica e passou a ser largamente praticada, produzida por leigos, amadores, diletantes? Ou ela é pública pela dimensão da audiência que é capaz de atingir – e que cresceu exponencialmente nas últimas três décadas? Tanto uma coisa quanto a outra – a alteração do perfil do produtor de história e a expansão vertiginosa do seu público consumidor – se explicam em grande parte pelo surgimento de novas mídias, particularmente a internet (MALERBA, 2017, p. 141)

Assim, também devemos destacar um ponto importante deste polêmico canal: o aumento do público não acadêmico que busca se interessar por História, visto que, cada vez

²⁵ Em uma reportagem do mesmo ano do lançamento do *History Channel* podemos perceber a ideia inicial do canal e como sua programação original tinha um foco voltado bastante para a educação. Disponível em <<https://www.historians.org/research-and-publications/perspectives-on-history/october-1995/the-history-channel-and-history-education>>. Acesso em 09 dez. de 2022.

²⁶ Programação do *History Channel*. Disponível em <<https://meuguia.tv/programacao/canal/HIS>>. Acesso em 09 dez. de 2022.

mais, as mídias digitais estão tornando-se as principais responsáveis pela circulação do conhecimento histórico. Em um trabalho publicado em 2003, Robert Brent Toplin diz que esse tipo de produção (documentários, filmes, etc.) abriu um vasto campo de pesquisas para historiadores. Segundo ele

Visitantes de reuniões anuais das principais associações históricas podem escolher entre uma variedade de seções que apresentam discussões sobre filmes ou exposições. Muitos vídeos e DVDs estão disponíveis para historiadores públicos e instrutores, e canais de televisão como The History Channel e PBS Television Broadcast lançaram uma variedade de documentários e filmes de Hollywood (TOPLIN, 2003, p. 79-80, tradução minha).

Logo, ainda que “às avessas”, para o bem ou para o mal, o *History* faz um notório trabalho de História pública. Fica então a questão: “Qual é o papel possível do historiador profissional nessa dimensão da história pública atrelada à esfera midiática e às demandas sociais?” (OGASSAWARA; BORGES, 2019, p. 42). Acredito que a resposta (ao menos uma sugestão) já tenha sido dada algumas páginas acima, devemos estar atentos a essas novas demandas, chegar primeiro nessas plataformas, não necessariamente produzindo os conteúdos, mas avaliando as produções de nossos pares, e divulgando ao público, seja positiva ou negativamente.

Quanto ao programa *Alienígenas do Passado*, podemos ler no famoso (e não tão confiável, como já vimos) site Wikipédia que “a série é criticada por ser pseudocientífica e pseudo-histórica”²⁷. Sendo assim, nos tópicos a seguir trarei os episódios “Mistérios da Esfinge”²⁸ e “Segredo das Múmias”²⁹ do programa citado. De antemão, podemos notar a utilização de títulos sensacionalistas que, como defende Napolitano, são “muito utilizados em pseudodocumentários e vídeos de divulgação em redes sociais, mas também em artigos e livros de divulgação” (NAPOLITANO, 2021, p. 97). Estes episódios tratam de questões referentes à história do Egito e para analisar seus discursos potencialmente negacionistas e/ou revisionistas refletiremos sobre como o programa se “enquadra” no que entendemos como uma teoria da conspiração.

3.2 MISTÉRIOS DA ESFINGE

Neste episódio, que foi ao ar em novembro de 2014, como o próprio nome já entrega, os “teóricos do antigos astronautas” tratam de pensar teorias que explicassem os mistérios por

²⁷ <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ancient_Aliens>. Acesso em 20 dez. 2022.

²⁸ *Alienígenas do Passado*: temporada 07, episódio 02, 2014.

²⁹ *Alienígenas do Passado*: temporada 07, episódio 05, 2014.

trás da majestosa esfinge de Gizé, no Egito, desde sua origem e o motivo de sua construção. Logo no início do episódio, servindo como uma introdução, o narrador já indaga: “A grande esfinge de Gizé talvez seja o monumento mais misterioso da Terra, mas se resolvermos seus enigmas, será que acharemos a prova definitiva de que nossos antepassados foram visitados por seres extraterrestres?” (0'30").

Evidentemente, a narrativa já começa mostrando o caminho que o episódio vai seguir, tentando ligar os mistérios da esfinge aos “antigos astronautas” e, em diversos momentos, pessoas com título acadêmico são citadas ou dão depoimentos, “o que dá credibilidade ao que se apresenta no vídeo” (GONÇALVES, 2019, p. 63). Em um momento, ainda nos minutos iniciais, o narrador traz uma comparação entre duas imagens, o “Olho de Luz do Senhor”, encontrado em uma lápide em frente da esfinge, e o disco de Aton, encontrado em uma gravura junto ao faraó Akhenaton, e questiona se ambos descrevem o mesmo objeto, “se for assim, teria a civilização egípcia sido dirigida por seres extraterrestres que usaram a esfinge como meio de comunicação?” (7'18"). Nessa esteira, o apresentador do programa, Giorgio A. Tsoukalos, comenta que “os egípcios falam sobre uma idade de ouro, que existiu a cerca de doze mil e quinhentos anos, isso é algo que remonta há pelo menos oito mil anos antes da cronologia egípcia geralmente aceita. Nessa época, os deuses conviviam, ou andavam, com os homens” (8'00"). Na sequência o narrador questiona

Seria esse extraordinário monumento um remanescente da idade de ouro, quando extraterrestres conviviam com humanos, como sugerem os teóricos dos antigos astronautas? Se for assim, a idade da esfinge é em milhares de anos anterior ao que estudiosos convencionais acreditam ser possível (8'56").

Segundo Gonçalves

Esse tipo de formulação, “se assim for, então...” é frequente. Tomado rigorosamente, condiciona todos os desenvolvimentos à premissa (se assim for). Na dinâmica do vídeo, contudo, uma vez enunciado o “se assim for” a narrativa passa a operar como se assim fosse, saímos da possibilidade para a realidade, retoricamente agindo um interessante mecanismo de afirmação de uma verdade anteriormente apenas possível (GONÇALVES, 2019, p. 63).

Ou seja, a narrativa procura nos direcionar, a partir de duas gravuras circulares, a uma possibilidade real de que os alienígenas estariam presentes na construção de monumentos e interferido em decisões de faraós do Antigo Egito. Estes teóricos já têm a sua verdade estabelecida, como dito anteriormente, em momento algum o programa traz problemas ou contrapontos às suas teorias. Essa falta de divergência é uma forte estratégia discursiva para persuadir o público.

Um dos principais focos para testar sua teoria é a questão da cabeça da esfinge. De acordo com o discurso do programa, “teóricos dos antigos astronautas dizem que a esfinge não foi construída por Quéfren, como sugerem historiadores convencionais. Dizem que a esfinge precede a era dos faraós, e propõem que a verdadeira cabeça desapareceu há milhares de anos” (13'13"). Giorgio A. Tsoukalos diz que “muita gente vem sugerindo, inclusive pesquisadores, que a cabeça atual, que está no corpo da esfinge é pequena demais para ser proporcional ao corpo” (13'56"). Como já comentado, dizer que supostos pesquisadores estão ajudando a construir essa polêmica versão da história acaba por deixar os telespectadores mais seguros sobre o conteúdo que estão consumindo. Robert Temple (apresentado no programa como o autor de *The Sphinx Mystery*) ainda sugere que na verdade a cabeça seria de um cão, logo, a esfinge representaria Anubis, uma espécie de deus guardião da necrópole sagrada, segundo os egípcios, assim, Gizé seria uma necrópole sagrada. De acordo com o programa, os “Teóricos dos antigos astronautas dizem que esse deus [Anúbis] foi um ser real, que visitou nosso planeta em tempos remotos” (17'10").

Na segunda metade do episódio os “Teóricos dos antigos astronautas” tentam responder o porquê de a grande esfinge ser construída. Robert Bauval (apresentado no programa como o autor de *Secret Chamber Revisited*) defende que a necrópole de Gizé foi um projeto planejado, que “não foram os faraós que vieram meio por acaso e construíram a esfinge” (18'47"). O programa, então, levanta a seguinte questão: “Será possível que a esfinge e as pirâmides foram projetadas para funcionar juntas? Teóricos dos antigos astronautas dizem que sim, e sugerem que uma prova está em um túmulo recentemente descoberto” (19'07"). O túmulo em questão seria do deus Osíris, que ficaria em uma câmara funerária a cerca de 60 metros da esfinge. O programa segue com a seguinte teoria:

A maioria dos estudiosos acha que Osíris é um ser mítico e que a tumba é meramente simbólica. Mas os teóricos dos antigos astronautas sugerem que não só Osíris foi real, mas o sarcófago de 2,80m traz evidências da intervenção extraterrestre no passado. [...] A ideia de um sarcófago que não tem múmia dentro, sugere a possibilidade de teletransporte, e a possibilidade de transmutação do corpo físico, sugere que talvez quem construiu o monumento e as câmaras subterrâneas podia sair completamente da nossa realidade (21'07").

Dessa forma, sem qualquer embasamento histórico, apenas com as informações simples de que existem três pirâmides, uma esfinge e um túmulo vazio, o programa chega a teoria de que os egípcios antigos, ou pelo menos os antigos deuses astronautas, poderiam teletransportar seus corpos. Os “teóricos dos antigos astronautas” seguem, usando o manjado argumento de que “muitos pesquisadores dizem” (sem citar pesquisadores nem pesquisas),

defendendo que as pirâmides do Egito são na verdade sofisticadas usinas de força. O programa provoca: “Você se pergunta se as próprias pirâmides não foram criadas para gerar enormes quantidades de energia. Energia usada para abrir os portais estelares” (23'16"). Isso é o que Napolitano chama de “linguagem especulativa em excesso” (NAPOLITANO, 2021, p. 97), ou seja, não há nenhuma apresentação de argumentos, autores ou evidências contrários à tese que se apresenta, “o que é apresentado vem sempre confirmar o que se sustenta, sem que qualquer reflexão crítica seja realizada” (GONÇALVES, 2019, p. 72). Logo, para estes conspiracionistas, complexos arquitetônicos erguidos por mãos africanas negras, seriam grandes dispositivos tecnológicos que funcionam como teletransporte para outros mundos, mesmo que nunca tenham sido encontrados, de fato, nenhum resquício de tecnologia super avançada na região, nem um tipo de bobina, bateria, motor, combustível ou seja lá o que é necessário para criar uma máquina de teletransporte. Mas para eles, isso é apenas um detalhe não tão importante, claro.

As teorias não param por aí. O episódio nos apresenta, ainda, Edgar Cayce, um suposto médium estadunidense da primeira metade do século XX que dizia ter sido, em outra vida, um sacerdote no Egito Antigo e, que estaria diretamente ligado à construção da esfinge (26'25"). Cayce teria feito, segundo diz o narrador, dezenas de comentários sobre a esfinge, relacionando ela a uma antiga civilização, o continente perdido de Atlântida (27'58"). Novamente, sem o embasamento de um pesquisador renomado ou fonte confiável, chegam à conclusão de que Atlântida existiu e a esfinge é remanescente desta antiga civilização, logo Atlântida estaria ligada aos antigos alienígenas. Jonathan Young (apresentado no programa como *Founding Curator, Joseph Campbell Archives*) conta que, Cayce uma vez sonhou com uma câmara secreta embaixo de uma pata da esfinge que continha os registros perdidos dessa civilização (29'12"). Na década de 1970, um grupo de exploração foi até o Egito, com o propósito de localizar alguma câmara secreta sob a esfinge. Evidentemente nada foi encontrado, pois, segundo o programa, “o grupo foi detido no último minuto pelo exército egípcio” (30'08"). Aqui, podemos perceber uma das características basilares das teorias da conspiração, a intervenção do exército. Para os conspiracionistas tal situação pode servir como argumento de que o governo/sistema estaria acobertando algum conhecimento ou projeto oculto.

Por fim, na reta final do episódio, somos levados até Marte (sim, o planeta vermelho), através de imagens da sonda *Pathfinder* na década de 1990. O narrador aponta que entre essas imagens, há uma que “alguns dizem ser igual a formação do planalto de Gizé, incluindo o que parece ser uma esfinge” (33'10"). Começa mais uma mentira apoiada em uma meia verdade

(NAPOLITANO, 2021), pois embora as imagens apresentadas aos telespectadores sejam apenas de algumas formações rochosas e de montanhas ao fundo, em nada lembram as pirâmides de Gizé ou a esfinge. Giorgio A. Tsoukalos argumenta que “alguns propuseram que era uma imagem espelho do planalto de Gizé em Marte e que, portanto, Marte deve ter sido habitado e, é por isso que temos em Marte estruturas de origem artificial” (33'50"). Nota-se que substantivo “alguns” aparece com muita frequência nos discursos, talvez para fazer parecer que existem muitas pessoas que compartilham desses pensamentos, o que cria uma espécie de “conforto” nos teóricos da conspiração. David Childress (apresentado no programa como autor de *Technology of gods*) ainda acrescenta que “se fôssemos a Marte e encontrássemos alguma civilização, ela deveria ser subterrânea, e você se pergunta se essa esfinge marciana não estaria guardando algum mundo subterrâneo similar ao mundo subterrâneo de Gizé como sabemos que existe aqui” (35'10"). Sabemos? Tal afirmação, dita com tanta convicção, somado ao rico material audiovisual, dotado “de um efeito de realidade intenso” (OGASSAWARA; BORGES, 2019, p. 51) pode ser uma forte artimanha para convencer o público consumidor do programa a aceitar a narrativa enganosa como verdadeira.

Em resumo, usando a figura da esfinge de Gizé como eixo, o episódio busca comprovar que alienígenas, há milhares de anos atrás, estiveram em contato com a humanidade no norte da África, sendo eles (os *aliens*) os deuses do panteão do Antigo Egito, e sendo as pirâmides, e a própria esfinge, monumentos altamente tecnológicos que serviriam como fonte de energia para esses deuses/alienígenas se teletransportarem para outros lugares da galáxia. Prova disso, segundo nossos “teóricos dos antigos astronautas”, seriam um texto escrito por um suposto médium na primeira metade do século passado sobre a esfinge e sobre Atlântida, além de imagens de uma sonda espacial que mostrava uma paisagem supostamente parecida com a planície de Gizé.

3.3 SEGREDOS DAS MÚMIAS

O episódio tem como tema central o processo de mumificação, em diferentes lugares e épocas distintas, porém, irei analisar aqui as narrativas acerca da mumificação no Antigo Egito abordadas no programa. Como o narrador já nos diz “apesar dos egípcios não serem a única cultura antiga a mumificar seus mortos, nenhuma outra cultura foi tão longe para preservar o corpo e assegurar a entrada na próxima vida” (7'33").

O capítulo segue, indagando como os egípcios chegaram ao complexo processo da mumificação, visto que, de acordo com o narrador, “apesar de os arqueólogos descobrirem

muita coisa sobre a preparação das múmias, os egípcios não deixaram textos com instruções ou modos de fazer” (8'57"). David Childress, então, parte para a narrativa que ligaria o povo egípcio aos alienígenas quando aponta que esse processo (mumificação), no Antigo Egito, “muitas vezes, se relaciona com a estrela Sirius, da constelação do cão maior e, os direitos à mumificação eram fiscalizados por Anúbis, um deus com cabeça de chacal” (10'16"). O autor indaga então “se Anúbis não seria um deus físico extraterrestre” (10'32").

Na sequência são levantadas para o público as seguintes questões: Será que a crença no além, dos antigos egípcios, foi influenciada por visitantes extraterrestres? Será que aprenderam o processo de mumificação desses visitantes? E se for assim, qual era a intenção deles?” (11'13"). Novamente apresenta-se o “se for assim”, agindo como um mecanismo para confirmar “uma verdade anteriormente apenas possível” (GONÇALVES, 2019, p. 63). Assim como no caso da esfinge, no exemplo anterior, a teoria de uma interferência alienígena em tempos mais remotos é inventada para dar conta de um “mistério” que, na verdade, não existe. Trata-se de um recurso discursivo usado para convencer os telespectadores de algo, no caso, de que os povos antigos não ocidentais não possuíam capacidade cognitiva de imaginar, criar e produzir conhecimento.

Segundo a lógica apresentada por Childress e demais interlocutores do programa, se um assunto é complexo, basta ligar ele à uma narrativa intergaláctica a fim de “inventar” uma resposta, esses discursos tentam “se passar por científicos, mas na verdade são falseadores da crítica, da descoberta da verdade e da reflexão” (NAPOLITANO, 2021, p. 97). A explicação simplória de que a humanidade aprendeu o processo de mumificação com alienígenas ou, simplesmente, “a não explicitação pode eventualmente ser uma estratégia de persuasão” (GONÇALVES, 2019, p. 66). Como já foi visto, esse tipo de narrativa negacionista e revisionista é bastante comum quando se trata da história dos povos africanos, principalmente povos antigos, como é o caso dos egípcios com os casos das pirâmides, da esfinge e do processo de mumificação.

A figura do faraó Akhenaton (tão citado neste trabalho) é usada neste episódio para reforçar a versão dos “teóricos dos antigos astronautas” sobre a mumificação dos antigos egípcios. Em 1891, um arqueólogo italiano teria, segundo o programa, ido até a cidade sagrada de Amarna e “explorado um túmulo construído para o faraó Akhenaton, mas não acha evidências de sua múmia” (25'22"). “O interessante é que os egiptólogos tinham certeza de que encontrariam Akhenaton naquele túmulo, mas não encontraram” (25'40"), aponta Giorgio A. Tsoukalos. Um túmulo sem um corpo, como vimos no exemplo anterior, para essas pessoas, só pode significar uma coisa: Alienígenas. Continua a voz que narra o programa:

O que aconteceu a esse líder revolucionário depois de sua morte é tão misterioso quanto o próprio faraó. Ele nunca foi enterrado em seu túmulo ou terá sido retirado de lá? Akhenaton governou de 1353 a.C até sua morte, dezessete anos depois. Seu reino foi marcado pela controvérsia, porque ele abandonou o panteão dos deuses egípcios e exigiu que seus súditos venerassem o deus sol, Aton (25'55").

Segundo David Wilcock (apresentado no programa como: autor de *The Synchronicity Key*), “Aton foi uma coisa que ele viu no céu entre duas montanhas, e que o inspirou a criar a cidade sagrada de Amarna. Por seu aspecto típico, Aton deve ser o sol mas, é totalmente possível que o que Akhenaton viu foi, na verdade, uma nave extraterrestre” (26'35"), assim, o faraó teria tomado suas decisões sobre a forma de governar o Egito a partir de um encontro com os “antigos astronautas”.

A palavra “possível”, na fala de Wilcock, demonstra uma estratégia que Gonçalves chama de “realidade da possibilidade” (GONÇALVES, 2019, p. 73). Segundo ele, esta estratégia

Consiste em demonstrar que algo é possível, o que não é difícil, e deslizar do possível para o efetivamente realizado sem que efetivamente esse realizado tenha sido comprovado. Ocasionalmente um raciocínio inconsistente pode permitir que um possível estabelecido seja “comprovado” (as aspas indicam que se trata de uma comprovação inconsistente) por outro elemento posterior que com ele tem apenas uma aparente relação (GONÇALVES, 2019, p. 73).

Em síntese, ao analisarmos os mecanismos de persuasão existentes nesse produto de comunicação em massa, constatamos que há menos argumentos plausíveis e lógicos e mais atos de escárnio argumentativo, cheios de brechas e saltos desarrazoados. Porém, carregado de recursos imagéticos (e discursivos) que têm o poder de provocar e influenciar grandes públicos, pois são as imagens que guardamos na memória com mais facilidade. Ficando assim, nítida a postura extremista adotada pelo programa para induzir os telespectadores a abraçarem suas teorias sobre determinados fenômenos, neste caso, a arte da mumificação e o “desaparecimento” de um faraó de seu suposto túmulo.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa não teve início em sua primeira página, mas sim em um momento da minha graduação quando estava me sentindo perdido academicamente, com dificuldades em encontrar um tema que realmente me empolgasse e me deixasse confortável para estudar. No segundo semestre de 2021 tive contato com a discussão referente à História Pública. Os assuntos debatidos acabaram colocando diversas “pulgas atrás da minha orelha”, passei a me fazer perguntas como: Para quem nós escrevemos? Como escrevemos? Com qual objetivo escrevemos? Que públicos conseguimos alcançar? Foi aí que essa pesquisa de fato teve início.

Este trabalho objetivou, assim, se somar aos estudos referentes ao crescente campo da História Pública, partindo de uma ousada pesquisa sobre negacionismo, revisionismo ideológico, *fake news* (trio que resolvi chamar de “os cavaleiros do apocalipse”) e teorias da conspiração para, então, entender como a História Pública pode ser utilizada a fim de contribuir para quebrar estereótipos, acabar com discursos recheados de preconceito e abrir discussões no que se refere à História da África.

Desta maneira, iniciei este trabalho de conclusão de graduação trazendo diversos autores e autoras que se propuseram a pensar História Pública como suporte teórico, com o propósito de dar sustentação às respostas que encontrei para as perguntas acima e ao problema de pesquisa proposto. Ademais, analisar os três cavaleiros do apocalipse foi essencial para esse estudo, pois cheguei à conclusão de que estes são os grandes vilões da ciência, sobretudo, da ciência histórica. Estes “agentes do caos” são conhecidos por rejeitarem verdades estabelecidas e pela distorção de determinados fatos ou eventos e, após isso fazer com que estas verdades deturpadas se disseminem tão rápida e perigosamente quanto um vírus, tendo como um dos seus graves sintomas, as teorias da conspiração.

Território vasto, dotado de povos diferentes e rico culturalmente, o continente africano é um dos principais alvos destas aberrações. As falácias sobre a África não são, como vimos, questões recentes. No século XVI um viajante inglês teria descrito um povo africano como monstros sem cabeça, o filósofo Hegel, no século XIX, já escrevia que os africanos não eram civilizados o suficiente, portanto eram seres sem história e, nos dias de hoje vemos escancaradamente, na internet e na televisão, discursos sugerindo que humanóides interplanetários influenciaram ou orquestraram fenômenos na África. Como se já não bastasse a visão etnocêntrica que trata as populações africanas como selvagens, primitivos e ingênuos que se impressionam com a cultura do branco ocidental “civilizado”, ainda precisamos lidar com grupos que defendem que os africanos precisaram, em tempos remotos, da tutela dos

antigos astronautas para desenvolver sua cultura. Para comprovar meus argumentos, trouxe em meu último capítulo dois episódios do programa “Alienígenas do Passado”, para perceber os discursos utilizados para (des)construir a História da África, mais precisamente do Antigo Egito.

Conteúdos instigantes, como a construção das três famosas pirâmides do Egito, a Esfinge de Gizé e o processo de mumificação, comumente aparecem em debates ligados à ufologia e às teorias da conspiração. Assim, foi crucial que eu trouxesse esses assuntos para discussão em meu trabalho, para pensarmos como programas com características pseudocientíficas de comunicação fazem uso desses temas para convencer seu público a abraçar suas crenças.

Por fim, acreditando que eu tenha trazido aqui problematizações interessantes e pertinentes para a historiografia, concluo que esta pesquisa teve como resultado maior a abertura de um novo leque de possíveis investigações, logo, espero que possa inspirar novos começos para historiadores e historiadoras que queiram se desafiar a pesquisar sobre História Pública.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BAUER, Caroline Silveira; NICOLAZZI, Fernando Felizardo. O historiador e o falsário: usos públicos do passado e alguns marcos da cultura histórica contemporânea. **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 32, n. 60, p. 807-835, set/dez 2016. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/149296>>. Acesso em: 15 out. 2022.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. Fake News na história: uma bibliografia comentada. (Bibliografia Comentada). **Café História**, 2020. Disponível em: <<https://www.cafehistoria.com.br/fake-news-na-historia>>. Acesso em: 15 out. 2022.

_____. Fake news: do passado ao presente. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla. **Novos combates pela história, desafios, ensino**. São Paulo: Editora Contexto, 2021, p. 147-174.

_____. “História Pública e redes sociais na internet: elementos iniciais para um debate contemporâneo”. **Revista Transversos**. Rio de Janeiro, v. 07, n. 07, 2016, p. 35-53.

Disponível em:

<<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/25602>>. Acesso em: 15 out. 2022.

CASTRO, Ricardo Figueiredo de. Teorias da Conspiração: conceito, história e as suas associações com as fake News (Artigo). **Café História – história feita com cliques**. 2020. Disponível em:

<<https://www.cafehistoria.com.br/fake-news-teorias-da-conspiracao-dicursos-de-odio/>>. Acesso em: 15 out. 2022.

CONCEIÇÃO, Maria Telvira. Os Discursos da Racialização da África nos Livros Didáticos Brasileiros de História (1950 a 1995). **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 35-58, jan./mar. 2017. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/edreal/a/ZRqWxNYzrRZ5psmDdVNRs6z/?lang=pt>>. Acesso em: 15 out. 2022.

DANIKEN, Erich von. **Eram os Deuses Astronautas?** São Paulo: Companhia Melhoramentos, 2000.

FALOLA, Toyin. Nacionalizar a África, culturalizar o Ocidente e reformular as humanidades na África, **Afro-Ásia**, v. 36, 2007, p. 9-38. Disponível em:

<<https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21139/13727>>. Acesso em: 15 out. 2022.

FERREIRA, Carlos Augusto França. Como a afrocentricidade pode contribuir para a memória do negro. **Por dentro da África**, 2019. Disponível em:

<<https://www.pordentrodaafrica.com/educacao/como-a-afrocentricidade-pode-contribuir-para-a-memoria-do-negro>>. Acesso em 11 nov. 2022.

FICO, Carlos. Quem escreve a História: a qualificação do historiador. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla. **Novos combates pela história, desafios, ensino**. São Paulo: Editora Contexto, 2021, p. 25-50

FUNARI, Pedro Paulo. Anacronismos e apropriações. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla. **Novos combates pela história, desafios, ensino**. São Paulo: Editora Contexto, 2021, p. 115-146.

GONÇALVES, Márcio Souza. Foram os aliens: comunicação de massa e verdade. **Líbero**. Bela Vista, n. 44, jul./dez. 2019. Disponível em: <<https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1082/1030>>. Acesso em: 15 out. 2022.

HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Filosofia da História**. Brasília: Edu. UNB, 1995.

JESUS, Carlos Gustavo Nóbrega de; GANDRA, Edgar Avila. O negacionismo renovado e o ofício do historiador. **Estudos Ibero-americanos**, Porto Alegre, v. 46, n. 3, set.-dez. 2020, p. 1-17. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15448/1980-864X.2020.3.38411>>. Acesso em: 15 out. 2022.

KI-ZERBO, Joseph. **História Geral da África: metodologia e pré-história**. 2 ed., vol. I. Brasília: UNESCO, 2010.

MALERBA, Jurandir. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 37, n. 74, 2017, p. 135-154. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbh/a/LHTGChGvyDBCdzDk33k4WgM/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 15 out. 2022.

MARTINS, Leonardo Breno. Extremistas religiosos, terraplanistas, alienígenas e além: a dinâmica da espiral ascendente de complexidade na formação de crenças e experiências contraintuitivas. **Numen: Revista de estudos e pesquisa da religião**, Juiz de Fora, v. 21, n. 2, jul./dez. 2018, p. 129-144. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/22156>>. Acesso em: 15 out. 2022.

MUNANGA, Kabengele. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 62, dez. 2015, p. 20-31. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rieb/a/WxGPWdcytJgSnNKJQ7dMVGz/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 15 out. 2022.

NAPOLITANO, Marcos. Negacionismo e revisionismo histórico no século XXI. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla. **Novos combates pela história, desafios, ensino**. São Paulo: Editora Contexto, 2021, p. 85-114.

OGASSAWARA, Juliana Sayuri; BORGES, Viviane Trindade. O historiador e a mídia: diálogos e disputas na arena da história pública. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.

39, n. 80, 2019. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/rbh/a/FKyMw5pFhRdL5jbRCYB6fnD/?lang=pt>>.
Acesso em: 15 out. 2022.

PINSKY, Jaime. **Por que gostamos de História**. São Paulo: Contexto, 2003.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. A História contra-ataca. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla. **Novos combates pela história, desafios, ensino**. São Paulo: Editora Contexto, 2021, p. 9-24.

RODRIGUES, Icles. Usos pedagógicos para YouTube e podcasts. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla. **Novos combates pela história, desafios, ensino**. São Paulo: Editora Contexto, 2021, p. 175-197.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo e Belo Horizonte: Companhia das Letras e Editora UFMG, 2007.

SILVA, Victor Ferreira e. Os (ab)usos do passado como enfoque de análise para a história pública no Brasil. **XVII Encontro Regional de História da ANPUH-PR**. 2020. Disponível em:
<<https://www.encontro2020.pr.anpuh.org/anais/trabalhos/trabalhosaprovados?simposio=587#V>>. Acesso em: 15 out. 2022.

SOUZA, Rosali Fernandez de; DUARTE, Rodrigo Almeida. Sobre fake news e fake History. **Revista Mídia e Cotidiano**, v.15, n.3, 2021, p.321-338. Disponível em:
<<https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/50671>>. Acesso em: 15 out. 2022.

STEINHAUER, Jason. **History, Disruptd: How Social Media and the World Wide Web Have Changed the Past**. Washington: Palgrave Macmillan, 2021.

TAVES, Brian. The History Channel and the Challenge of Historical Programming. **Film & History: An Interdisciplinary Journal of Film and Television Studies**, v. 30, n. 2, 2000, p. 7-16. Disponível em: <<https://muse.jhu.edu/article/400651/pdf>>. Acesso em: 15 out. 2022.

TERRA PLANA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Terra_plana&oldid=65061354>. Acesso em: 10 jan. 2023.

TOPLIN, Robert Brent. Cinematic History: Where Do We Go From Here?. **The Public Historian**, v. 25, n. 3, 2003, p. 79-91. Disponível em:
<<https://www.jstor.org/stable/10.1525/tph.2003.25.3.79>>. Acesso em: 26 jan. 2023.

TOPLIN, Robert Brent; EUDY, Jason. The Historian Encounters Film: A Historiography. **OAH Magazine of History**, v. 16, n. 4, Film and History, 2002), p. 7-12. Disponível em
<<https://www.jstor.org/stable/25163542>>. Acesso em: 26 jan. 2023.

VENÂNCIO, Renato. O incorreto no “Guia politicamente incorreto da história do Brasil”. Belo Horizonte: **HH Magazine**: humanidades em rede, 2018.

VIDAL-NAQUET, Pierre. **Os assassinos da Memória**: “um Eischman de papel” e outros ensaios sobre revisionismo. Campinas: Papirus, 1988.